



**Instituto de Psicologia**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

***Melancolia: da perda do objeto ao luto impossível  
em Freud e André Green.***

**Mestranda**

Sandra Maria Vitória Calheiros

**Orientadora**

Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini

Brasília

Agosto de 2014



**Instituto de Psicologia**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

***Melancolia: da perda do objeto ao luto impossível  
em Freud e André Green.***

Dissertação de Mestrado apresentada pela autora  
como parte dos requisitos para a conclusão do  
Curso de Mestrado em Psicologia Clínica e  
Cultura.

**Mestranda**

Sandra Maria Vitória Calheiros

**Orientadora**

Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini

Brasília

Agosto de 2014

***Melancolia: da perda do objeto ao luto impossível em  
Freud e André Green.***

Dissertação de mestrado defendida diante e aprovada pela banca  
examinadora constituída por:

---

**Professora Doutora Eliana Rigotto Lazzarini**

Presidente da Banca - Universidade de Brasília

---

**Professora Doutora Maria Lúcia Tiellet Nunes**

Membro externo da Banca - Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul

---

**Professora Doutora Márcia Teresa Portela de Carvalho**

Membro interno da Banca - Universidade de Brasília

---

**Professora Doutora Márcia Cristina Maesso**

Suplente - Universidade de Brasília

*Para meus amados pais (in memoriam) Alcides e Perpétua.*

*Para Rogério e João Pedro por tudo aquilo que não cabe em  
palavras. Por tudo aquilo que não cabe no mundo.*

## AGRADECIMENTOS

A João Pedro, amor incondicional, ser sua mãe é a melhor parte de mim.

A Rogério pelo companheirismo, pela cumplicidade com quem tenho o prazer de compartilhar a vida.

A minha orientadora, Eliana Lazzarini, por me acolher como aluna de mestrado e por sua orientação atenta e criteriosa.

A Lis Bayni Rodrigues de Freitas por me inserir de forma tão legítima na Psicanálise e com quem a cada dia confirmo que a Psicanálise é um ato de amor.

A Ângela Ramirez de Andrade, da Casa Flor, por todo apoio e compreensão.

A Maria Lúcia Tiellet Nunes e a Márcia Portela de Carvalho e a Márcia Maesso, que gentilmente aceitaram o convite para participar da Banca Examinadora, pela atenção e carinho.

A Verônica Coelho, além de sua revisão cuidadosa, por sua generosidade e bondade.

Aos meus pacientes, fonte de inspiração de cada linha escrita nesta Dissertação.

*É preciso também admitir, com gratidão, que houve quem abrisse caminhos com a coragem de quem aceita fazer passar pelo coração sua reflexão, seguir as marcas deixadas e aprender com sua obra: Freud é o maior entre estes (Moreira, 2002, p. 12).*

## Resumo

A presente dissertação trata de um estudo essencialmente teórico no âmbito da Psicanálise, cujo objetivo principal constitui-se em compreender questões relativas à constituição e à dinâmica psíquicas do sujeito melancólico desde a perspectiva das implicações de perda de objeto e do luto inelaborável bem como articular as teorias de Freud e Green nesse tema específico. Para isso, percorremos o caminho que Freud trilhou para a elaboração de sua teoria sobre a melancolia, tendo em vista a interlocução com o *complexo da mãe morta*, cunhado por Green (1988). Partimos do exame detalhado do estudo da melancolia nos textos freudianos que apresentavam relação estreita com o assunto estudado inicialmente nos *Rascunhos* de Freud a Fliess e, posteriormente, com a concepção de luto em Freud. Elegemos destes artigos os elementos constitutivos da melancolia, como a perda do objeto, a identificação narcísica e a ambivalência. Frisamos a introdução do conceito da pulsão de morte e supereu na psicanálise e a partir daí o direcionamento do pensamento freudiano no que diz respeito à melancolia, sem, no entanto, anular as formulações já existentes. Com a introdução do conceito de pulsão de morte, vemos a importância deste relacionado com o supereu que, por meio do sadismo, atua sobre o eu, muitas vezes de forma mortífera. Nesta nova ação, a concepção de melancolia muda substancialmente para o conflito entre o eu e o supereu. A pulsão de morte então ganha destaque na articulação com o conceito de narcisismo moral de Green. Essa revisão se propôs a servir de base para a realização da leitura de Green acerca do *complexo da mãe morta*, *o trabalho do negativo* e a articulação com a melancolia. Assim, chegamos à conclusão de que com a perda do objeto há uma impossibilidade de elaboração do luto tanto na melancolia quanto no *complexo da mãe morta*.

**Palavras-chave:** melancolia; narcisismo; pulsão de morte; mãe morta; trabalho do negativo; luto inelaborável.

**Abstract**

This dissertation is about an essentially theoretical work in the scope of psychoanalysis whose primary objective is to understand issues underlying the psychic constitution and dynamics of the melancholic subject, starting from the perspective of the entailments of the object loss and of the *non-elaboratable* mourning, articulating, as well, Freud's and André Green's theoretical works on this specific topic. For such, we have retraced Freud's steps through the elaboration of his theory of melancholy while connecting it with Green's *Dead Mother Complex* construct. We have started by carrying out a detained examination of the studies of melancholy in Freud's papers, firstly from the *Sketches* between Freud and Fliess, and subsequently the understanding of mourning in Freud's conception. We have selected the constitutive elements of melancholy in these papers, namely the object loss, the narcissistic identification and the ambivalence. We have highlighted the introduction of the concepts of death drive and superego in psychoanalysis and, there onward, Freud's thoughts on melancholy, nonetheless, not nullifying pre-existing constructs. With the introduction of the concept of death drive it becomes evident the value of its relation with the superego which, by the means of sadism, acts upon the self, many times in a deadly manner. This new understanding of the concept of melancholy shifts drastically to the conflict between the ego and the superego. The death drive stands out and we relate it with Green's moral narcissism. This review intends to underlie a study of Green's *Dead Mother Complex, the negative's work* and the articulation with melancholy. Therefore, we have reached the conclusion that with the object loss, both in melancholy and in the *Dead Mother Complex*, there is the impossibility of the mourning elaboration.

**Key-words:** melancholy; narcissism; death drive; dead mother; negative's work, non-elaboratable mourning.



## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo I: A melancolia em Freud</b>	
1.1 A melancolia e a perda do objeto.....	16
1.2 Os <i>Rascunhos</i> de Freud e a melancolia.....	22
1.3 Transitoriedade e luto .....	24
1.4 A visão freudiana da melancolia em <i>Luto e Melancolia</i> .....	29
1.5 Melancolia: neurose narcísica .....	34
<b>Capítulo II: Os elementos psíquicos envolvidos na dinâmica da melancolia</b>	
2.1 Narcisismo e melancolia.....	36
2.2 Perda,dor e identificação na melancolia.....	44
2.3 A ambivalência na melancolia.....	48
2.4 A pulsão de morte na melancolia.....	51
2.5 O supereu na melancolia.....	55
2.6 Pulsão de morte e narcisismo moral em Green.....	58
<b>Capítulo III: A <i>mãe morta</i> e o luto impossível</b>	
3.1 O conceito de <i>mãe morta</i> em Green.....	63
3.2 Caracterização da <i>mãe morta</i> .....	66
3.3 Metapsicologia do complexo da <i>mãe morta</i> .....	68

3.4 Repercussões psíquicas da identificação com a <i>mãe</i> <i>morta</i> .....	73
3.5 O fracasso do trabalho do negativo e a <i>mãe morta</i> .....	76
3.6 O trabalho do negativo, a perda do objeto, e a <i>mãe</i> <i>morta</i> .....	80
<b>Considerações finais</b> .....	82
<b>Referências bibliográficas</b> .....	92



## Introdução

O objetivo do presente trabalho é compreender questões relativas à constituição e dinâmica psíquicas do sujeito melancólico, as implicações da perda do objeto e o luto impossível, bem como articular as teorias de Freud e Green nesse tema específico.

Para tanto, percorreremos o caminho que Freud trilhou para a elaboração de sua teoria sobre a melancolia, tendo em vista a interlocução com o *complexo da mãe morta* cunhado por Green (1988) desde a perspectiva das implicações de perda de objeto e do luto inelaborável.

Consideramos oportuno fazer uma observação sobre os termos depressão e melancolia em Freud, os quais muitas vezes são tratados como sendo a mesma coisa. Embora Freud tenha citado algumas vezes o termo depressão, em sua obra ele privilegia o termo melancolia. Vamos também privilegiar o uso do termo melancolia, pois falamos a partir da psicanálise, onde a palavra depressão é usada preferencialmente para designar sintomas.

Com o propósito de compreender a respeito da perda do objeto, percorremos a teoria de Freud nos *Rascunhos (anteriores a 1900)* e *Luto e Melancolia* (1917) onde são colocadas as bases do entendimento da melancolia. Investigamos, na concepção teórica freudiana, sobre a melancolia, a ligação entre a perda do objeto e a constituição do eu.

Em *Luto e Melancolia* (1917), Freud relaciona a melancolia com o luto em função de ambos se caracterizarem como reações à perda de um objeto amado. No luto, a perda se dá de forma consciente, mas o significado da perda é inconsciente. O sujeito enlutado sairá com as marcas de uma nova

configuração subjetiva. A perda do objeto é aceita e reconhecida, já na melancolia o objeto precisa ser mantido a qualquer custo.

É importante diferenciar a perda com a presença ou ausência do objeto, pois esta não é condição para a melancolia; ou seja, o objeto pode não necessariamente ter morrido ou desaparecido e sim ter perdido a condição de objeto de amor (Freud, 1917).

Nos dois textos contemporâneos, *Sobre o narcisismo: uma introdução* e *Luto e Melancolia*, os conceitos se articulam e se complementam em torno da perda do objeto.

Também Green, que elegemos para compor o diálogo com a teoria freudiana da melancolia, se debruça sobre a perda do objeto em seu texto *a Mãe Morta* (1988). André Green, psicanalista francês, faleceu em 2012 e é considerado um dos grandes mestres da psicanálise, sendo o desenvolvimento do pensamento clínico contemporâneo amplamente influenciado por seu pensamento teórico.

Green (1988) trabalha a teoria do narcisismo, os diversos narcisismos derivados desta teoria e as formas narcisistas cujas ideias nos auxiliam na compreensão das marcas psíquicas sofridas pela criança na relação com a mãe no início de sua vida como sendo determinantes da constituição psíquica. Green parte das relações precoces da criança com sua mãe, uma mãe que se encontra ausente psiquicamente. Denomina esse fenômeno de *mãe morta*, ponto de referência deste trabalho, no qual a mãe deixa de investir libidinalmente na criança, que fica marcada pela imagem de uma mãe sem vida, morta psiquicamente, uma mãe presente, mas que está ausente.

Tanto a melancolia quanto o *complexo da mãe morta* consistem em um luto impossível do objeto. Na melancolia, com intuito de manter o objeto, o eu identifica-se com o objeto perdido, que na realidade consiste em um investimento para manter um objeto que não existe mais, sendo apenas a sua sombra. Assim, não acontece o trabalho de elaboração do luto, necessário para a continuação da vida psíquica e da constituição da alteridade. Da mesma forma, no *complexo da mãe morta*, a criança tenta manter a mãe viva a qualquer custo não conseguindo com isso elaborar o que Green chama de *trabalho do negativo*, necessário para a estruturação dos limites psíquicos na constituição psíquica.

A principal ação do eu na melancolia é conservar e manter o objeto a qualquer custo. Neste empreendimento, procuramos seguir as trilhas percorridas desde a perda do objeto, as inibições e autoacusações, as identificações, até a cisão do eu, a pulsão de morte e a influência do supereu para compreender o processo de constituição do eu.

A seguir, apresentamos os capítulos que compõem o presente trabalho. Iniciamos o primeiro capítulo situando-o em torno dos conceitos de depressão e melancolia utilizados por Freud. Expomos a teoria da melancolia em Freud e para tal trilharemos seu percurso desde os *Rascunhos* (anteriores a 1900) passando pelo artigo *Sobre a Transitoriedade* (1915). Subsequentemente, vemos a visão de Freud sobre a melancolia em *Luto e Melancolia* (1917). Finalizamos com a concepção de Freud da melancolia como neurose narcísica.

No segundo capítulo, abordamos os elementos psíquicos envolvidos na dinâmica da melancolia, inicialmente no texto *Sobre o narcisismo: uma*

*introdução (1914)*, para depois tratar da perda do objeto, identificação e ambivalência. Veremos a inserção do conceito da pulsão de morte e supereu na psicanálise e o conseqüente direcionamento do pensamento freudiano no que diz respeito à melancolia, sem, no entanto, anular as formulações já existentes. Com esta introdução do conceito de pulsão de morte, evidenciamos a importância deste relacionado com o supereu, que, por meio do sadismo, atua sobre o eu muitas vezes de forma mortífera. Nesta nova abordagem a concepção de melancolia muda substancialmente para o conflito entre o eu e o supereu. No final do capítulo, vemos o conceito de narcisismo moral de Green (1988) e a relação com a melancolia.

No terceiro capítulo, nos fundamentaremos no trabalho de Green apresentando as linhas mestras da hipótese teórico-clínica formulada pelo autor sobre a caracterização do *complexo da mãe morta*, a reação à perda do objeto e a relação com a constituição e defesas psíquicas utilizadas pelo sujeito para lidar com o trauma narcísico. Essas hipóteses são inseridas no contexto das relações objetais, no entendimento do autor, e relacionadas com o conceito de pulsão. Discutimos o *trabalho do negativo* – expressão também cunhada por Green, que consiste no processo de negativização constituinte dos limites psíquicos, apagamento do objeto primário e sua apropriação como estrutura do psiquismo. Assim, quando fracassa o trabalho do negativo a estruturação dos limites psíquicos é prejudicada bem como a representação de uma ausência que é constituinte dos processos de simbolização. Esta é a configuração do narcisismo negativo e nossa hipótese é de que estão presentes no *complexo da mãe morta*.

Encerramos nosso trabalho com as considerações finais, quando apresentamos as convergências e divergências na articulação das ideias dos dois autores, Freud e Green, sobre a temática da perda do objeto e do luto impossível.



## Capítulo I

### A melancolia em Freud

#### 1.1 A melancolia e a perda do objeto

No presente Capítulo, tratamos da melancolia em Freud. A melancolia está presente em toda a obra de Freud desde os *Rascunhos* – escritos anteriormente à publicação da *Interpretação dos Sonhos* (1900) – até *Novas Conferências Introdutórias* (1932). Concordamos com a afirmação de Ogden (2004, p. 97) sobre a importância do artigo de Freud *Luto e Melancolia* para a atualidade e até mesmo para o futuro da psicanálise “*Muito do som corrente no pensamento analítico atual – e desconfio também no pensamento psicanalítico vindouro – pode ser ouvido em Luto e melancolia de Freud, se soubermos ouvi-lo.*” Nessa mesma linha, Marucco (1987) afirma sobre o tema melancolia:

Ocupar-se e preocupar-se pelo e do tema da melancolia é imprescindível não só para compreender a teoria psicanalítica e seu rico caudal de conceitos, mas também para contribuir e desenvolver um tema capital para o futuro da psicanálise. Vejo com cada vez mais clareza, que *Luto e melancolia* se situa como um texto freudiano decisivo para o desenvolvimento da ciência psicanalítica. Suas implicações teóricas, a amplitude do registro clínico que compõe, seus desenvolvimentos técnicos que incita, são indicadores da abertura que o texto nos brinda (Marucco, 1987, p. 11, *tradução da autora*).

Consideramos importante situar o leitor a respeito das diferentes nomenclaturas utilizadas para o fenômeno da melancolia, tanto pela psiquiatria quanto pela psicanálise. Há uma diversidade de nomenclaturas desde as mais antigas, como psicose maníaco-depressiva, até a designada atualmente pela psiquiatria: transtorno de humor bipolar.

Freud (1917) postulou que há uma indefinição conceitual inserida no campo da psiquiatria com uma diversidade de formas que dificulta uma síntese sobre melancolia, chegando a afirmar que algumas formas possuem causa orgânica e não psíquica.

Conforme Peres (2011), a melancolia refere-se a formas mais graves de padecimento e é usada frequentemente para qualificar a psicose melancólica enquanto a depressão designa uma maneira do sujeito estar na vida marcado pela insuficiência e pela perda do sentido de ser.

Observamos que a indefinição conceitual enfatizada por Freud está presente na atualidade. Principalmente na psiquiatria, há um incremento de diagnósticos de depressão, sendo qualquer dor ou sofrimento muitas vezes tratado como depressão – esta frequentemente considerada o mesmo que melancolia. Como já observado, embora Freud tenha citado algumas vezes o termo depressão, ele privilegia o termo melancolia.

Peres (2010) considera que Freud usou os termos depressão e melancolia sem clareza de suas definições. Aponta que nos *Rascunhos* Freud se referiu à melancolia de doze maneiras diferentes: depressão, depressão periódica, afetos depressivos, depressão periódica branda, melancolia, melancolia senil, melancolia neurastênica, melancolia histérica, melancolia genuína aguda, melancolia cíclica, melancolia de angústia, estado de ânimo tipicamente melancólico. A autora assinala que muitos psicanalistas utilizam o termo melancolia para designar formas graves de inibição motora e afetiva enquanto o termo depressão é utilizado para formas avaliadas como menos graves, como os quadros neuróticos e também os sintomas que se manifestam nas neuroses.

A depressão pode ser encontrada em diversas patologias e estruturas psíquicas e, no entanto, não se constitui como estrutura psíquica. Refere-se a uma maneira do sujeito estar na vida forjada pela insuficiência e pela perda do sentido. Já a melancolia se constitui como estrutura psíquica e uma forma mais grave de adoecimento que é normalmente usada para qualificar a psicose melancólica.

Para Freud (1917), há certa disposição patológica que define que diante de uma perda significativa algumas pessoas adoecem e outras não, resultando em luto ou melancolia. Assinala que “em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos que essas pessoas possuem uma disposição patológica” (Freud, 1917, p. 249).

Mais de quinze anos depois da publicação de *Luto e Melancolia* em *Novas Conferências Introdutórias*, Freud (1932) continuou se ocupando do tema do sofrimento psíquico do melancólico como paradigma para a compreensão e conhecimento do processo de constituição do eu.

A melancolia tornando as coisas maiores e mais toscas pode atrair nossa atenção para as condições normais que de outro modo nos escapariam. A melancolia nos permite ter acesso ao processo de constituição do eu e as clivagens que muitas vezes ele realiza. Por meio do sofrimento mental do melancólico, é possível conhecer muitas coisas que de outro modo nos seriam inacessíveis (Freud, 1932, p. 77).

No mesmo texto, Freud (1932) faz uso da metáfora do “princípio do cristal” (p. 54) assinalando que:

a psique, como um cristal, só mostra suas linhas de estrutura quando se quebra. Não existe, portanto, uma clara oposição entre normal e patológico. Enquanto não se quebra, o cristal parecerá normal-entretanto, ele é composto de fraturas que, no momento em que alguma circunstância desencadeadora o fizer cair, guiarão o modo como ele se partirá (p. 54).

Assim, entre a pré-disposição e as marcas do que se partiu deixando à mostra a estrutura do eu, buscamos no presente trabalho tecer os laços e repercussões da perda do objeto na constituição do eu. Como nossa dissertação está inserida na compreensão sobre a perda do objeto para o eu, consideramos importante falar da noção de objeto, presente no texto freudiano. Em seu texto *Pulsões e Destinos da Pulsão*, Freud (1917) nos aponta a existência de dois tipos de objetos. O primeiro, o objeto pulsional, aquele em que a pulsão atinge sua meta, a satisfação. Conforme Freud (1917),

o objeto da pulsão é aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o elemento mais variável da pulsão, [...] em rigor, não é preciso ser o outro objeto externo, pode ser muito bem uma parte de nosso próprio corpo (p. 149).

O objeto da pulsão pode ser um objeto parcial, como o seio materno, por exemplo. O segundo tipo de objeto é definido como o objeto de amor, em que a instância do eu vai se relacionar com os sentimentos de amor e ódio presentes, podendo esse objeto tratar-se de uma pessoa, uma entidade ou um ideal.

Para Rivera (2012), Freud nos apresenta com a “melancolia a face noturna desse jogo entre sujeito e objeto que pode chegar ao suicídio” (p. 234). Para a autora, deve-se romper com a ideia de que há entre o sujeito e o objeto uma complementaridade. Como se o indivíduo fosse idêntico ao objeto e não houvesse uma diferenciação entre ele e o objeto.

O eu se constitui sendo o resultado de uma divisão, ou seja, primeiro ele deve ser objeto para si mesmo por meio da libido que o tomará como objeto. Acontece que o eu pode também se odiar e chegar a destruir a si mesmo. A escolha do objeto não é suficiente, pois o objeto deve ser perdido (Rivera, 2012, p. 234).

A noção de eu como o resultado de um trabalho de perda do objeto é o que existe de fundamental em *Luto e Melancolia*. Contudo, Rivera (2012) afirma:

Não é suficiente que o objeto desapareça para acontecer a separação. É preciso sim um trabalho de luto por meio do qual com muito sofrimento, dor e lentamente o eu se desliga do objeto, se transforma, se refaz no jogo com o objeto (p. 234).

Assim, veremos como Freud vai construindo a ideia de melancolia em primeiro lugar nos textos chamados *Rascunhos* e na sequência a construção de uma diferenciação entre a elaboração do luto por meio de um intenso trabalho e a não elaboração do luto na melancolia.

## 1.2 Os *Rascunhos* de Freud e a melancolia

Os *Rascunhos* compreendem as correspondências de Freud a Fliess<sup>1</sup>. Nestas correspondências, Freud se expressa de forma mais livre sem se preocupar com formalidades ou pensamento coerente. Strachey<sup>2</sup> (1966) faz observações neste sentido assinalando que a intenção de Freud ao escrever os *Rascunhos* não foi produzir um material acabado e articulado e que muitas vezes ele parecerá ao leitor de uma forma bastante condensada. “Portanto, não há porque surpreender-se com a presença ocasional de incoerências e obscuridades” (p. 220).

Assim, investigaremos a obra de Freud em suas primeiras elaborações acerca da melancolia no *Rascunho B, de 1983; Rascunho E, de 1984; Rascunho F, também de 1984; Rascunho G, de 1985; e Rascunho N, do mesmo ano.*

---

<sup>1</sup> Wilhelm Fliess, médico alemão amigo íntimo de Sigmund Freud e teórico da bissexualidade, especializado em cirurgia e otorrinolaringologia, foi um protagonista importante da pré-história da psicanálise. Estudou medicina em Berlim, tornando-se confidente de Freud e apoiador moral da maioria de suas atividades produtivas. Mantiveram uma abundante correspondência de 1887 até 1902.

<sup>2</sup> Tradutor da versão inglesa oficial da obra de Freud.

No *Rascunho B*, Freud (1893) diferencia a depressão ocasional, que classificou como neurose de angústia, da melancolia. Para Freud (1893), a depressão ocasional seria causada por um trauma e não é acompanhada da anestesia característica da melancolia.

Devo examinar a depressão periódica, a um ataque de angústia com duração de semanas ou meses, como uma terceira forma de neurose de angústia. Essa forma de depressão, em contraste com a melancolia propriamente dita, quase sempre tem uma conexão aparentemente racional com um trauma psíquico. Este, no entanto, é apenas a causa precipitante. Ademais, essa depressão periódica não é acompanhada por anestesia [sexual] psíquica, que é característica da melancolia (p. 205).

Em *Como se origina a angústia (Rascunho E)*, Freud (1894) fala sobre o mecanismo da melancolia postulando que os melancólicos são *anestésicos* e não têm necessidades de relação sexual “[...] mas têm um grande anseio de amor em sua forma psíquica – uma tensão erótica psíquica poder-se-ia dizer. Nos casos em que esta se acumula e permanece insatisfeita, desenvolve-se a melancolia” (p. 272). Compara, assim, a neurose de angústia com a melancolia no aspecto de quantidade de tensão, postulando que na primeira a tensão é de origem sexual física enquanto na segunda há uma tensão sexual psíquica.

O *Rascunho F* é um relato de um caso clínico de Freud (1894) no qual ele cita a disposição hereditária à melancolia, que denomina *melancolia de angústia*. Trata a melancolia como uma depressão periódica com os sintomas de apatia, inibição, pressão intracraniana e insônia – os mesmos da neurastenia, conforme ele próprio, decorrentes do coito interrompido.

No período da escrita do *Projeto para uma Psicologia Científica*, trabalho que foi em parte abandonado em favor da elaboração de um projeto metapsicológico, Freud (1895) escreveu simultaneamente o *Rascunho G*,

relacionando a melancolia a estados somáticos. Novamente, descreve a melancolia como um estado de anestesia sexual sugerindo que há uma inibição da sexualidade na melancolia.

Nesse texto, relaciona o luto à melancolia, com a perda da libido – evidenciando a questão da perda, o que, posteriormente, trabalhará em seu artigo *Luto e Melancolia* (1917). Ainda no *Rascunho G*, Freud (1895) esclarece que há uma grande perda de quantidade de excitação sexual psíquica que leva a uma “retração para dentro” na esfera psíquica, retirando as excitações que não conseguem ser investidas. Desse movimento, decorre um empobrecimento de excitação, uma *hemorragia interna* que o autor compara a uma ferida que dói. Essa descrição também é semelhante a que fará em *Luto e Melancolia* (1917), em que o eu tem dificuldade em fazer o luto pela perda libidinal.

Sobre esta metáfora de hemorragia interna, Lambotte (2000) refere que “a excitação sexual inteiramente bombeada escorreria como que por um buraco situado no psiquismo, acarretando assim, no sujeito, uma inibição generalizada de suas outras funções” (p. 38).

Pontalis (2005) também se refere às metáforas utilizadas por Freud, como furo, buraco, ferida e hemorragia interna, assinalando que esse buraco é um excesso que o sujeito não consegue dar conta e resulta em um vazio psíquico.

No rascunho G (*sic*), chovem palavras como “ferida”, “hemorragia interna”, “furo no psiquismo” – um buraco que não tem lacuna, um transbordamento, não uma falta – e também, consecutivamente; absorção, sucção, bombeamento. Retenhamos a metáfora, pouco habitual em Freud, de hemorragia interna: esse “furo” é um demais. Para ser tapado, exige mecanismos bem particulares que evocam mais o funcionamento de um organismo ou de uma máquina hidráulica do que uma atividade mental. Um demais de excitação, que

entrava toda a atividade de ligação, mesmo no nível do processo primário: o cheio demais cria um vazio (Pontalis, 2005, p. 268).

Em *Impulsos em Notas III (Rascunho N)*, Freud (1985) relaciona o parricídio à melancolia. A pessoa se acusa pela morte de seus pais ou figuras relacionadas como uma manifestação do luto. Pune-se por se sentir culpada ao mesmo tempo em que se identifica com o objeto perdido e com a situação que o levou a perdê-lo, por exemplo, a doença.

Vimos, dessa forma, as primeiras referências sobre o complexo de Édipo, que viriam à luz poucos meses após a escrita desses *Rascunhos*. A questão do parricídio, do luto e da culpa permeia toda a obra de Freud. Quase trinta anos depois, em um texto contemporâneo ao *O Ego e o ID* denominado *Uma neurose demoníaca do séc. XVII*, Freud (1923b), discorre sobre o caso de “depressão melancólica” do pintor Christophe Haizmann. Este apresentava um quadro de fortes convulsões e inibição em seu trabalho que o impediam de manter sua subsistência. Caiu em estado de melancolia após a morte do pai e fez, então, um pacto de nove anos com o demônio, que lhe prometeu auxiliá-lo em qualquer aspecto de sua vida que necessitasse. No referido texto, Freud (1923b) encontra na morte do pai do pintor a origem de sua melancolia, que o leva a fazer pactos com o demônio com objetivo de fazê-lo um substituto paterno e apresenta suas ideias sobre depressão melancólica:

Foi por isso que, no início deste artigo, predisse que um caso clínico de demonologia desse tipo produziria, sob a forma de metal puro, um material que nas neuroses de uma época posterior (não mais supersticiosas, mas antes hipocondríacas) tem de ser laboriosamente extraído, pelo trabalho analítico, do minério das associações livres e dos sintomas. Uma penetração mais profunda na análise da moléstia de nosso pintor provavelmente trará uma convicção mais forte. Não é algo fora do comum para um homem adquirir uma depressão melancólica e uma inibição em seu trabalho, em resultado da morte



do seu pai. Quando isto acontece, concluímos que o homem fora ligado ao pai por um amor especialmente intenso e recordamos com quanta frequência uma melancolia grave surge como forma neurótica de luto (Freud, 1923b, pp. 111-112).

Freud analisa a ambivalência e atribui essa característica como traço melancólico, ou seja, no pintor há uma atitude hostil contra o pai, de ódio, de temor que contrasta com os sentimentos de amor – fatores determinantes de sua neurose.

Versamos a seguir sobre o processo de luto em Freud. Sabemos que tanto o luto quanto a melancolia constituem uma resposta a uma perda. Para trilharmos o caminho que Freud percorreu, nos valem do texto *Sobre a transitoriedade* (1915) para depois vermos a concepção de Freud sobre o luto.

### **1.3 Transitoriedade e Luto**

Freud apresenta o luto como um fenômeno que é difícil de ser explicado, mas em cuja esteira podem ser perscrutados outros fenômenos. Por esta razão, consideramos importante apresentar aqui o trabalho *Sobre a transitoriedade*, que é paradigmático do fenômeno do luto. Nesse artigo, Freud (1915) afirma que possuímos certa dose de capacidade de amar (libido), que no início do desenvolvimento é dirigida para o nosso próprio eu. Um pouco mais tarde, essa libido é desviada para os objetos. Se esses objetos forem perdidos, nossa capacidade de amar será transposta para substituí-los por outros objetos ou voltará novamente ao eu.

Freud (1915) narra um passeio que faz em um campo na companhia de dois amigos: Lou Andreas Salomé e Rainer Maria Rilke num dia de verão, e observa que um deles, um jovem poeta, admirava a beleza do cenário à sua volta; contudo, não retirava disso qualquer sentimento de alegria.

Perturbava-o o (*sic*) pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção, de que desapareceria quando sobreviesse o inverno, como toda beleza humana e toda a beleza e esplendor que os homens criaram ou poderão criar. Tudo aquilo que, em outra circunstância, ele teria amado e admirado, pareceu-lhe despojado de seu valor por estar fadado à transitoriedade (Freud, 1915, p. 345).

Freud (1915) constata deste fato que todas as coisas belas e perfeitas, inevitavelmente decadentes e transitórias, podem suscitar dois diferentes impulsos na mente: o desalento penoso sentido pelo poeta ou a rebelião quanto a este fato. Argumenta com seus colegas que é impossível que toda essa beleza do mundo, de nossas sensações, venha a se desfazer. E reflete ainda que a transitoriedade só poderia aumentar essa percepção e não diminuir seus valores.

O valor da transitoriedade é o valor da escassez do tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição. Era incompreensível, declarei, que o pensamento sobre a transitoriedade da beleza interferisse na alegria que dela derivamos. Quanto à beleza da Natureza, cada vez que é destruída pelo inverno, retorna no ano seguinte, de modo que, em relação à duração de nossas vidas, ela pode de fato ser considerada eterna. A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas vidas: sua evanescência, porém, apenas lhes empresta renovado encanto. Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela. Tampouco posso compreender melhor por que a beleza e a perfeição de uma obra de arte ou de uma realidade intelectual deveriam perder seu valor devido à sua limitação temporal [...] o valor de toda essa beleza e perfeição é determinado somente por sua significação para a nossa própria vida emocional, não precisa sobreviver a nós, independentemente, portanto, da duração absoluta (Freud, 1915, p. 346).

Contudo, percebendo que suas observações pouco tocavam os amigos, Freud (1915) considerou que havia algum fator emocional muito poderoso em ação desassossegando seu discernimento e concluiu que:

O que lhes estragou a fruição da beleza deve ter sido uma revolta em suas mentes contra o luto. A ideia de que toda essa beleza era transitória comunicou a esses dois espíritos sensíveis uma antecipação de luto pela morte dessa mesma beleza, e como a mente instintivamente recua de algo que é penoso, sentiram que em sua

fruição de beleza interferiam pensamentos sobre sua transitoriedade (Freud, 1915, p. 346).

Essa conversa se deu no verão que precedeu a primeira grande guerra mundial, irrompendo um conflito que, segundo Freud (1915), subtraiu a beleza do mundo e confirmou como eram efêmeras as coisas que consideravam imutáveis. A libido, então, privada de tantos objetos se apega com maior intensidade e vigor ao que sobra e os bens perdidos não deixarão de ter seu valor – “a libido se apega a seus objetos e não renuncia àqueles que se perderam mesmo quando um substituto se acha bem a mão. Assim é o luto” (p. 347).

A questão que subjaz a reflexão de Freud acerca da transitoriedade é o efeito dela, ou seja, o significado da morte sobre nós. Dessa forma, permite que pensemos que diante da grande dificuldade em abandonar uma posição libidinal é necessário um tempo considerável para que o trabalho de luto seja realizado. Por isso, refere-se ao luto como um trabalho, que tem todas as fases de um processo e, apenas depois de concluído, o eu fica livre para investir novamente em novos objetos libidinais.

No caso do amigo de Freud, se tratava de uma “revolta contra o luto” (Freud, 1917, p. 108), uma oposição ao trabalho do luto, uma “constelação psíquica de rebelião” (p. 108). Na mesma direção, Kehl (2011) discorre sobre o sujeito que passa por um luto e a perda de referência que ocorre com a perda do objeto.

Ter sido arrancado de uma porção de coisas sem sair do lugar: eis uma descrição precisa e pungente do estado psíquico do enlutado. A perda de um ser amado não é apenas a perda do objeto, é também a perda do lugar que o sobrevivente ocupava junto ao morto (Kehl, 2011, p. 18).

No luto há um trabalho psíquico a ser realizado que se dá por meio do teste de realidade. Nesse trabalho, o enlutado, ao ser confrontado com a realidade de que o objeto não existe mais, se opõe a esta realidade e a nega. Apega-se ao objeto perdido realizando uma transitória “psicose alucinatória carregada de desejo” (Freud, 1917, p. 250), mantendo o objeto vivo e presente em seu psiquismo sob a forma de alucinação. No entanto, no final do processo, a realidade se impõe e o enlutado é obrigado a reconhecer a perda. Conforme apresenta Freud (1917):

Cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas. Por que essa transigência, pela qual o domínio da realidade se faz fragmentariamente, deve ser tão extraordinariamente penosa, de forma alguma é coisa fácil de explicar em termos de economia. É notável que esse penoso desprazer seja aceito por nós como algo natural. Contudo, o fato é que, quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido (p. 250).

No luto, a reação pode ser à perda de uma pessoa querida ou a uma perda inespecífica, sendo um mecanismo saudável e superável com o tempo e dispensando qualquer intervenção. Freud (1917) esclarece que quando o eu perde o seu objeto de investimento erótico, toda a libido que era endereçada a ele tem que ser retirada e investida em outro objeto – este é o processo do luto que demanda tempo para ser trabalhado.

A perda, no luto, se dá de forma consciente; porém, o significado dessa perda é inconsciente. O sujeito que sofre o luto sairá com as marcas de uma nova configuração subjetiva em relação ao objeto. Para Laplanche & Pontalis (1992), o objeto perdido é sempre o objeto que falta.

Sobre o trabalho de luto, Freud (1917) postula que “embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui atitude normal para com

a vida, jamais nos ocorre considerá-lo como sendo condição patológica e submetê-lo a tratamento médico” (p. 249). Assim, o trabalho de luto é um processo de elaboração de uma perda significativa para o sujeito que demanda apenas tempo para ser realizado.

Laplanche & Pontalis (1992) refletem a respeito do trabalho de luto como exemplo de trabalho realizado pelo psiquismo para elaborar as situações traumatizantes.

Um processo interior que implica uma atividade do indivíduo [...]. A noção de trabalho de luto deve ser aproximada da noção mais geral de elaboração psíquica, concebida como uma necessidade para o aparelho psíquico de ligar as impressões traumatizantes (p. 510).

Jorge (2010), corroborando Freud, assinala a respeito do trabalho de luto que é

simplesmente a tentativa de recompor novamente a homeostase psíquica através da rearticulação do simbólico e do imaginário, das palavras e imagens, para o que ficou completamente despedaçado – e sem sentido – pelo real. É um trabalho longo, penoso, que, segundo Freud, afasta o sujeito do meio social, porque a libido, a força da pulsão, é uma só, e o sujeito não tem energia psíquica para investir outros objetos durante o trabalho de luto (p. 142).

Por este motivo, é deveras um trabalho intenso e penoso para o sujeito, que muitas vezes se afasta de outros objetos para poder elaborar a perda, resultando no que Freud denominou de empobrecimento do eu e da libido no luto.

A tristeza ou a depressão forjadas pelo trabalho de luto podem representar que um trabalho subjetivo importante está operando sobre a perda do objeto e assim ocasionando uma reconfiguração do eu. Esse é um tema significativo frente ao incremento da medicalização dos afetos influenciada pela indústria e laboratórios farmacêuticos (Rivera, 2012).

Para Kehl (2011), o trabalho de luto mesmo que empobreça o eu e faça com que o indivíduo se desapegue libidinalmente pode ser analisado como um trabalho da ordem da saúde psíquica. O desligamento da libido se dá em relação ao objeto perdido por morte ou abandono. Apesar de que a libido apresente resistências em desligar-se do que era prazeroso paulatinamente, ele é imposto para que, então, o eu se veja “novamente livre e desinibido, pronto para novos investimentos. Pronto para voltar a viver” (p. 18).

Para se desinvestir do objeto amado, o eu sofre intensamente. Tudo que antes significava cuidado, amor, proteção, segurança se perde junto com o objeto submetendo-o a um estado de intensa dor. Assim, ficar preso ao objeto de amor na situação de perda, condição inexorável da vida e da constituição psíquica, nos revela uma condição do sujeito e pode nos dar pistas sobre as possibilidades da constituição psíquica do sujeito. Constituições estas que podem revelar um forte apego na realização do trabalho de luto ou até mesmo sua impossibilidade – nosso tema no presente trabalho. Para traçarmos esse panorama desde a perda até a transformação do eu, apresentamos a reflexão sobre o texto *Luto e Melancolia*.

#### **1.4 A visão freudiana da melancolia em *Luto e Melancolia***

A concepção de melancolia nos *Rascunhos* tinha um cunho estritamente neurológico. Observando seus pacientes, no entanto, Freud percebeu que tais ideias não eram suficientes, era necessária uma concepção mais dinâmica. Isto possibilitou uma mudança radical nos rumos da Psicanálise, como veremos a seguir.

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914) comparou o sonho como protótipo do narcisismo. Pouco tempo depois de sua publicação, fez o mesmo com a melancolia, comparando-a ao luto. Neste segundo texto, *Luto e Melancolia*, Freud (1917) desenvolve as bases metapsicológicas da melancolia apresentando uma teorização sobre a mesma que permitiu uma maior compreensão do mundo interno do sujeito melancólico.

Laplanche & Pontalis (1992) assinalam que *Luto e Melancolia* (1917) é um trabalho na esfera da psicopatologia e insere grandes mudanças na teoria de Freud, entre elas a segunda teoria intitulada de segunda tópica.

Freud (1917) inicia seu artigo *Luto e Melancolia* explanando sobre a definição de melancolia, que assume variadas formas clínicas na psiquiatria descritiva, não havendo uma unanimidade e muitas vezes caracterizando afecções mais somáticas do que psicogênicas. Salaria que seu material é composto de “um pequeno número de casos de natureza psicogênica indiscutível” (p. 275).

Contudo, ficaram lacunas na concepção de melancolia como neurose ou psicose. Para preencher essas lacunas, segundo Laplanche & Pontalis (1992), Freud classifica a melancolia como neurose narcísica não a define nem como neurose e nem como psicose, mas sim a situando “na charneira entre a neurose e a psicose” (p. 293).

O melancólico assim como o enlutado apresenta diminuição da autoestima, um forte desânimo, cessação de interesse pelo mundo, perda da capacidade de amar e uma intensa inibição para realizar qualquer atividade. A perda de interesse pelo mundo externo faz com que o sujeito melancólico

se volte exclusivamente para seu mundo interno, vivendo em um estado de profundo egocentrismo. A principal característica que marca a diferenciação do luto e da melancolia é que nesta última há a diminuição da autoestima e um empobrecimento do seu eu a ponto de o melancólico apresentar-se moralmente desprezível perante os outros, fazendo críticas severas a si mesmo. Esse delírio de inferioridade é acrescido pela insônia e recusa em se alimentar. Afora essa perturbação da autoestima que está ausente no luto, as outras características são as mesmas da melancolia. Freud (1917) propõe que apliquemos na melancolia tudo o que se aprendeu com o luto, expondo que a perda do objeto é inconsciente e explícita que mesmo quando o paciente está cômscio da perda que originou sua melancolia ele a reconhece “apenas no sentido de que sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém” (p. 277). Dessa forma, essa perda é inconsciente. Contudo, se a perda é inconsciente na melancolia, esclarece Freud (1917, p. 278), “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego”.

Há primeiramente uma escolha objetal narcísica que consiste na ligação da libido a determinada pessoa por meio da identificação narcísica; depois, devido a uma decepção ou desapontamento com relação ao objeto amado, acontece a perda desse objeto que leva a uma destruição da relação objetal. Como resultado, Freud (1917) explicita:

A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego e este pôde dai por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto abandonado (p. 281).



O objeto perdido do melancólico é intensamente investido, prejudicando o desligamento da libido que ocorreria mais cedo ou tarde no trabalho de luto. Sem conseguir abrir mão dele pela identificação e sob o domínio de sua sombra, o melancólico não renuncia ao amor e à hostilidade que nutre para com seu objeto. Com isso, amor e ódio estão sempre presentes na identificação, instaurando o conflito devido à ambivalência. O fato é que enquanto o amor pelo objeto perpetua-se o ódio mantém-se presente nos ataques ao eu – normalmente ataques depreciativos e acusatórios, num processo de autotortura que tende ao sadismo e explica, talvez, a possibilidade de suicídio na melancolia.

Esse processo onde o eu é modificado pelo abandono do objeto sexual ocorre com frequência nas fases iniciais do desenvolvimento, o que nos faz concluir que esses processos são constituintes da vida psíquica. Freud (1917) assinala que há um agente normalmente chamado de consciência, que junto com a censura da consciência e do teste de realidade formam os principais componentes do eu e afirma que ela, a consciência, pode ficar doente por sua própria causa. Uma das características mais evidentes na melancolia é a insatisfação com o eu por causas morais.

Dessa maneira, existe na melancolia uma parte do eu que se volta contra a outra: suas queixas e lamentos são na realidade acusações a si mesmo. Freud (1917) percebeu que as acusações que os melancólicos faziam eram, na verdade, dirigidas a alguma pessoa que o sujeito amou. Concluiu, então, que essas recriminações eram dirigidas ao objeto amado e foram deslocadas para o próprio sujeito. Por esse motivo, os sujeitos não têm vergonha de manifestá-las, pois elas se referem a outra pessoa. As

autorrecriações faziam sentido ao se trocar o eu pelo nome do objeto perdido. A intenção do paciente era, na verdade, se vingar do objeto; contudo, sem conseguir externalizar seus sentimentos. Nesse sentido, ressalta que é a partir da análise das autocríticas que se pode compreender o processo inconsciente de identificação do sujeito melancólico com o objeto perdido (Freud, 1917).

Além disso, o complexo melancólico, em seu caráter inconsciente, “se comporta como uma ferida aberta, atraindo a si as energias catexiais [...] provenientes de todas as direções e esvaziando o ego até este ficar totalmente empobrecido” (Freud, 1917, p. 286). Essa concepção de um *furo* ou de uma *ferida* na organização do eu, a qual absorve todo movimento libidinal do sujeito melancólico, é o que responde também por sua dificuldade em refazer novos investimentos. O eu fica empobrecido nessa batalha para reter o objeto e a libido enfraquecida e todo investimento realizado pelo eu é absorvido pela sombra do objeto. O melancólico fica então preso em si mesmo, inibido, incapaz de qualquer coisa de amar e/ou trabalhar, sem desejos, constantemente se depreciando e se autoacusando.

Vimos que a melancolia é então marcada por três fatores: perda do objeto, ambivalência e regressão da libido no processo de identificação. Além disso, Freud (1917) assinala que a substituição da catexia erótica com a identificação narcísica com o objeto, se torna um mecanismo emblemático das afecções narcísicas. Veremos a seguir a concepção de Freud de melancolia como neurose narcísica.

### **1.5 Melancolia: neurose narcísica**

Freud utilizou a nomenclatura neuroses narcísticas como uma categoria intermediária entre neuroses e psicoses, especialmente para referir-se aos quadros de melancolia. Não há uma solução definitiva em Freud sobre a melancolia ser efetivamente uma neurose ou uma psicose. Consideramos que é uma questão que não ficou resolvida e que não é por acaso que se dá a colocação intermediária, e que, pois, alguns casos na obra freudiana poderiam ser enquadrados nosologicamente como neurose e outros como psicose.

Em *Neuroses de transferência: uma síntese*, Freud (1917) insere a melancolia no campo das psicoses e a caracteriza como uma das três formas de neuroses narcísticas. Considerou neuroses narcísticas a esquizofrenia, a paranoia e a melancolia – quadros em que há uma retirada da libido com relação aos objetos externos com esta se voltando à própria pessoa. Esse fenômeno é observado na esquizofrenia ou psicose, em que há uma exacerbação da libido narcísica e uma diminuição da libido objetal apresentando duas características principais: a megalomania e a falta de interesse pelo mundo externo. Consequentemente, são consideradas neuroses inacessíveis à psicanálise em oposição às neuroses de transferências, nas quais o vínculo com objetos e coisas do mundo externo fica mantido, conservado na fantasia.

Conforme Freud (1917), a melancolia “torna uma parcela de suas características emprestadas do luto, a outra parcela [...] do estado do narcisismo” (p. 109). Na melancolia a identificação é narcísica, pois o eu investe em si mesmo – direciona a libido para a sombra instalada no eu. O

que estaria em jogo é o conflito vivido pelo eu, determinado pelo tipo de vínculo estabelecido com o objeto. Freud (1917) nos mostra que só se pode compreender o tipo de vínculo do melancólico com o objeto a partir de sua perda. Chega a esse entendimento por meio do estudo da sintomatologia apresentada pelo melancólico após a perda do objeto.

Em seu texto *Neurose e Psicose*, Freud (1924) mantém a classificação da melancolia como neurose narcísica e a distingue das neuroses de transferências e da psicose, propondo que as fontes de conflito do eu se dão da seguinte maneira: “as neuroses de transferências correspondem a um conflito entre o ego e o id, as neuroses narcísicas, a um conflito entre o ego e o superego, e as psicoses, a um conflito entre o ego e o mundo externo” (p. 189).

Trazemos a seguir a análise de Freud a cerca dos elementos psíquicos envolvidos na melancolia tendo como base inicial os textos *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) e *Luto e Melancolia* (1917), dada a importância destes no processo constitutivo da melancolia. Na sequência, vemos a problemática da pulsão de morte e do superego na melancolia, nos textos *O Ego e o Id* (1923b) e *Neurose e Psicose* (1924).

## Capítulo II

### Os elementos psíquicos envolvidos na dinâmica da melancolia

#### 2.1 Narcisismo e melancolia

Ao definir a melancolia como neurose narcísica, Freud (1923a) concede um destaque importante ao elemento narcísico presente na melancolia. Laplanche (1987) também destaca a importância do narcisismo para o entendimento da melancolia.

Particularmente, *Luto e melancolia (sic)* é inseparável de outro estudo que se situa em 1914: *Pour introduire le narcissisme*. E dois pontos nos interessam principalmente no “narcisismo”. Por um lado, a introdução da instância do ideal e do superego; e, por outro, uma reflexão sobre a noção de objeto e de “escolha de objeto” (p. 288).

Assim, em consonância com Laplanche (1987), passamos a uma breve análise acerca da visão freudiana do narcisismo no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* e as construções sobre a escolha de objeto narcísica bem como os conceitos de ideal do eu e superego na melancolia.

O artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução* é considerado como ponto de partida para a compreensão das ideias sobre a melancolia presentes em *Luto e Melancolia* (1917), apontados por Laplanche (1987) como sendo o complemento um do outro. Frente a isso, consideramos importante em nosso estudo examinar o conceito de narcisismo e as implicações e desdobramentos para a compreensão da psicodinâmica da melancolia.

É em *Sobre o narcisismo: uma introdução* que o conceito de narcisismo é inserido na teoria psicanalítica do ponto de vista de

investimentos libidinais. Freud (1914) inicia o texto assinalando que foi Paul Nacque que, em 1899, introduziu o termo narcisismo no campo da psiquiatria para qualificar um estado de amor por si mesmo que, segundo ele, constituiria uma nova perversão. Nesse texto, a primeira teoria dos instintos é modificada e é inserido o tema do narcisismo compondo juntamente com outros textos a segunda teoria do aparelho psíquico ou a segunda tópica.

No artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914) assegura que há um estado narcísico primário (anobjetal) caracterizado pela ausência de relações com o meio, uma indiferenciação entre o eu e o id e as relações com o objeto. O protótipo desse estado é a vida intrauterina e o sono. O psicanalista faz a distinção entre dois tipos de narcisismo: o primário, a criança toma a si mesma como objeto de amor, e o secundário, em que há uma tentativa de retorno da libido a este primeiro estado; dessa forma, assinalando dois tipos de libido: uma objetal e a outra narcísica, que podem mudar no decorrer da vida. Este último, o narcisismo secundário, é posteriormente observado como fundamental na etiologia da melancolia, como se vê em *Luto e Melancolia* (1917).

Freud (1914) distingue libido do eu e libido do objeto, sendo a libido o modo como a sexualidade está constituída no aparelho psíquico. As duas se referem à pulsão sexual que pode ter como objeto o próprio eu ou um objeto externo ao eu. O eu é o primeiro objeto que é investido pela libido sendo, por isso, considerado um grande reservatório de toda a libido e denominado de narcisismo primário. Posteriormente, o investimento da libido se dirige aos objetos, ou seja, é a libido objetal. O eu continua sendo o reservatório da libido durante toda a vida, com seus investimentos (da libido) sendo

destinados aos objetos e depois recolhidos. Essa é uma estrutura constante no sujeito, que exige um equilíbrio entre o investimento narcísico e objetal por intermédio do eu ideal – conceito que apresentamos a seguir. Freud (1914), afirma que há “uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal. Quanto mais uma é empregada mais a outra esvazia” (p. 92). Exemplifica com o caso de uma pessoa apaixonada, quando o investimento objetal atinge seu nível máximo, parecendo que o indivíduo desistiu de seu eu. O oposto acontece na psicose, na qual o eu volta-se totalmente para si. Freud (1910) formula a pergunta: “De onde provém finalmente na vida psíquica, essa exigência de sair das fronteiras do narcisismo e colocar a libido sobre os objetos?” (p. 91). E responde relacionando os fenômenos adoecer e amar:

Essa exigência surge quando o investimento do eu em libido ultrapassou uma certa (*sic*) medida. Um sólido egoísmo preserva a doença, mas, no fim, a gente deve se dispor a amar para não cair doente, e a gente cai doente quando não pode amar (p. 92).

Depreendemos de tal proposição que é necessário que o eu invista em *outros* objetos para ir em direção a uma vida que não seja centrada em si mesmo. Manter-se preso ao narcisismo do eu ideal – crer-se autossuficiente – pode fazer com que o eu não invista em objetos externos, reduzindo as possibilidades na vida. A superação do narcisismo primário e o direcionamento dos investimentos para um ideal do eu externo é um passo necessário para o desenvolvimento saudável do psiquismo.

Na doença, na psicose, na dor e no sono há uma retração da libido, ou seja, não encontrando um canal de escoamento, a libido volta para si mesma, resultando em modificações do eu. Também na melancolia a libido é retraída e o eu profundamente modificado pela identificação.

Com respeito à vida erótica das pessoas, Freud (1914) descreve a escolha de objeto em “anaclítica” e narcísica. Na escolha objetal “anaclítica”, ou de “ligação”, o sujeito ama segundo o modelo recebido de figuras parentais que o amaram e cuidaram. Assim, a mãe ou seus cuidadores tornam-se para a criança o primeiro objeto sexual. A escolha narcísica é um pré-requisito para a identificação narcísica, sendo que por conta da identificação o objeto investido em última instância será sempre o eu. Existem em Freud duas formas de escolha narcísica que podem acontecer pela eleição de objeto: conforme a semelhança do eu, ou pela transformação do indivíduo em um ideal elevando a vivência de perfeição e onipotência (Berlinck, 2008). Será a escolha de objeto na melancolia feita conforme a semelhança do objeto ou transformada em um ideal? Buscamos responder essa questão trazendo inicialmente as contribuições freudianas acerca das instâncias ideais.

No texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914) introduz os conceitos de eu ideal e ideal do eu. O ideal do eu é uma representação a que o sujeito aspira como ideal frente ao eu. As produções de formação de ideal derivam do narcisismo e eu ideal se relaciona com o amor de si, tendo como características a completude e a perfeição narcísica. O eu precisa ser tomado primeiramente pela mãe como objeto para que seja constituído. Na relação com a mãe, deve ter existido tanto um duplo investimento pulsional no corpo erógeno quanto um investimento narcísico em direção ao eu da criança, futuro indivíduo.

O ideal do eu parte do autoconceito e poderá se tornar o herdeiro do eu ideal. Posteriormente, o sujeito estabelece um ideal a partir do qual avalia



seu eu. O narcisismo é deslocado para esse novo eu ideal que agora se apresenta como possuidor de toda a perfeição, pois, para desenvolver-se, o eu precisa abrir mão desse narcisismo primário e tenta trazê-lo de volta por meio do deslocamento da libido para o ideal do eu. Freud (1914) se refere ainda à possibilidade de que um agente psíquico realize a tarefa de garantir a satisfação narcisista proveniente do ideal do eu realizando essa tarefa, observando, e avaliando constantemente o eu real. A combinação desse agente com o ideal do eu fez com que Freud, mais tarde, inferisse o supereu associado ao complexo de Édipo.

O ideal do eu é também narcísico; no entanto, ele possibilita ao eu a abertura para a busca de objetos externos, do desejo. Dessa forma, ele não fica preso apenas ao eu como ideal, mas abre-se para o reconhecimento da alteridade e a pulsão de vida. Se isso não acontece, como no caso da melancolia, o eu não consegue ir buscar objetos externos, tomando a si mesmo como objeto de satisfação. Há então a negação da alteridade e o eu fica à mercê de um insuportável excesso pulsional, que extrapola a sua capacidade de lidar com esse excesso, o que levará a um desequilíbrio ocasionando dor e sofrimento.

O processo mencionado acima tem relação com a idealização. Freud (1914) define a idealização como processo que ocorre com o objeto sendo psiquicamente engrandecido e exaltado. Essa exaltação, porém, ocorre somente na mente do sujeito, o objeto não sofre quaisquer alterações. Alguns anos mais tarde, em *Psicologia de Grupos* (Freud, 1921), refere-se novamente à idealização assinalando que:

A tendência que falsifica o julgamento nesse respeito é a idealização. Agora, porém, é mais fácil encontrarmos nosso rumo. Vemos que o

objeto está sendo tratado da mesma maneira que nosso próprio ego, de modo que, quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto. Em muitas formas de escolha amorosa, é fato evidente que o objeto serve de sucedâneo para algum inatingido ideal do ego de nós mesmos. Nós o amamos por causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para o nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir, dessa maneira indireta, como meio de satisfazer nosso narcisismo (p. 122).

Nessa passagem, a escolha amorosa é uma escolha narcísica, conforme postulado no texto sobre a melancolia. Em relação à melancolia, vemos que a escolha do melancólico é uma escolha narcísica de objeto com um vínculo também narcísico que tem como meta um ideal inatingível. O objeto perdido é um objeto idealizado, perfeito, sem falhas, não sendo reconhecido como um objeto real e estabelecendo assim uma relação de base narcísica. A idealização é, pois, uma das condições da vinculação narcísica na melancolia.

Na melancolia, quanto mais idealizado e engrandecido é o objeto mais o eu se torna empobrecido e inferiorizado, sentindo que não é possível viver sem ele – o objeto. Com a intenção de alcançar a perfeição narcísica perdida e considerando-se incapaz, sem poder contar com seu próprio ideal, o sujeito coloca o objeto perdido no lugar de ideal do eu idealizado.

Assim, na idealização, quanto mais empobrecido é o eu mais grandioso é considerado o objeto. Nessa relação, a dependência do sujeito em relação ao objeto se torna essencial para o sujeito que se sente incapaz de viver sem ele. O sujeito não se sente capaz de contar com seus recursos internos e, procurando suprir sua incapacidade, coloca o objeto no lugar de seu ideal do eu. Freud (1921) faz uma distinção entre esse estado de enamoramento, idealização ou servidão e o processo de identificação.

No caso da identificação, o objeto foi perdido e abandonado; assim ele é novamente erigido dentro do ego e este efetua uma alteração parcial em si próprio, segundo o modelo do objeto perdido. No outro caso, o objeto é mantido e dá-se uma hipercatexia dele pelo ego e a expensas do ego (Freud, 1921, pp.123-124).

Na identificação, o eu é enriquecido com as características do objeto introjetado e no caso da idealização ou paixão o eu fica empobrecido, pois é substituído pelo objeto. É o que acontece na melancolia, o objeto idealizado é colocado no lugar do ideal do eu.

Nesse ponto, retornamos à questão da perda na melancolia. Como já vimos, tal perda é de natureza mais ideal do que real, não necessariamente ocorre por morte do objeto, mas pode se relacionar com uma decepção, abandono ou frustração de uma realização. A perda é de um objeto e uma relação idealizada narcisicamente tratando-se de uma perda que não é consciente como no luto. Entretanto, na melancolia a perda objetal provoca uma perda do eu, ou seja, há uma drástica diminuição da autoestima do sujeito.

Na melancolia, com a perda do objeto o investimento libidinal destinado ao objeto retorna para o eu bem como a identificação narcísica com o mesmo. Tanto o retorno para o eu quanto a identificação narcísica tem associação com uma “recusa psíquica” da perda. Há também outro elemento presente nesse processo que é a negação da alteridade. Para Moreira (2002), a negação da alteridade na melancolia não quer dizer que o outro não exista, mas que é reduzido a uma projeção imagética do eu sendo elevado à categoria de um eu ideal narcísico.

O eu na melancolia é constituído não como um precipitado de identificações de vários traços de objetos, mas sim com a totalidade do

objeto narcísico que se mantém completo, em bloco, sem fendas nem buracos, ocupando uma enorme porção do eu (Pinheiro, 1998). O eu ideal narcísico da melancolia representa a imagem do todo, do absoluto, o perfeito e completo, um ser amado que, se perdido, causa um sofrimento irreparável, um colapso, podendo o eu ser aniquilado, reduzido a nada. A relação do eu com o objeto fundamental na melancolia parece que se deu de forma deficiente, impossibilitando que se constituísse de forma estável, não formando uma base de referência e não cumprindo com sua função de “servir de anteparo para o perigo de transbordamento pulsional” (Carvalho, 2000, p. 47). O eu fica então abandonado à revelia de sua própria sorte, onde era para ser presença é ausência e vazio.

Observamos que o texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) abriu caminhos para a compreensão da teoria do eu. A problemática narcísica é, dessa forma, constituinte da melancolia. O apego ao objeto, querer mantê-lo a qualquer custo, justifica-se pelo fato de que perder o objeto é perder a si mesmo nesse objeto; conforme Freud, “uma perda objetual se transformou numa perda do eu” (Freud, 1917, p 255). Assim, uma das marcas da melancolia é a não aceitação do eu em abandonar o objeto, em não querer se separar, ficando para sempre fixado, misturando-se a ele em um processo de indiferenciação. Porém, permanecer nessa posição é mortífero para o sujeito assim como foi para Narciso, que morreu adorando a própria imagem.

Na obra freudiana, a retomada da ênfase sobre a questão do narcisismo amadurece exatamente em *Luto e Melancolia* (1917). A falha na constituição do narcisismo primário estabelece uma distinção entre a

“neurose narcísica” da melancolia e o sofrimento que caracteriza o trabalho de luto (Kehl, 2011).

Nas patologias narcísicas como parece ser o caso da melancolia, a substituição do amor do objeto por uma identificação é um mecanismo fundamental. Freud (1917) pontua que esse é um movimento regressivo, tendo em vista que a identificação é a fase preliminar de eleição do objeto e, estando a libido na fase oral do seu desenvolvimento, se manifesta de forma ambivalente.

Apesar dessas postulações, sabemos que nem toda escolha narcísica é derivada de um sujeito melancólico, o que nos leva a questionar qual seria a especificidade do mecanismo melancólico. Consideramos que é necessário que a escolha narcísica se dê em um determinado cenário de estruturação do aparelho psíquico. Como bem pontuado por Freud (1917), há uma singularidade na dinâmica psíquica melancólica; a saber, a dificuldade de elaborar o luto e a forte fixação ao objeto de tal maneira que não seja possível a separação dele.

Vimos no texto freudiano construído acerca da melancolia que um dos processos centrais implicados na melancolia é a identificação narcísica. Passamos agora à questão da perda, da dor e da identificação na melancolia.

## **2.2 Perda, dor e identificação na melancolia**

Ao situarmos a perda na melancolia, estamos também inserindo a questão da dor psíquica. Para este empreendimento, recorreremos a Pontalis (2005), que aponta a presença implícita da dor em toda a obra de Freud como, por exemplo, nas formulações acerca do narcisismo, do masoquismo

primário, da pulsão de morte, da reação terapêutica negativa – em que o trauma aparece por uma invasão e, por fim, pela escolha de uma posição de fixação a um objeto – na melancolia, por não ser suportável a dor da perda.

Para Pontalis (2005), “a dor é intermediária da angústia e do luto assim como entre o investimento narcísico e o investimento de objeto” (p. 270). O objeto perdido é tão irrepresentável para o psiquismo que para mantê-lo o sujeito o torna presente, sendo o mesmo, mas diferente. A realidade da cena psíquica é de um vazio que parece ser povoado; porém, o que existe são sombras de fantasmas e figurantes. O objeto perdido é mantido no psiquismo por meio da identificação que, no entanto, mantém o objeto, mas não consegue mantê-lo da mesma forma como ele se mostrava. A sombra do objeto é o que resta permeada por seu imagético.

A perda desencadeia o processo pelo qual o objeto perdido é incorporado mediante a identificação. A identificação é o refluimento da libido anteriormente investida no objeto para o eu. Desse modo, a respeito da identificação na melancolia, Freud (1924) assinala que uma forma que o eu tem de reparar a perda de objeto é se identificando com ele. Pontua que dessa maneira o investimento erótico do melancólico apresenta dois desdobramentos: uma parte regride até a identificação e a outra até a fase sádica, influenciada pela ambivalência. Freud (1914) refere ainda que os elementos destacados no estado melancólico são a ambivalência dos afetos e a identificação narcísica com regressão da libido, resgatando as características do objeto no eu – processos cujo funcionamento trazemos a seguir. A perda remete à questão da identidade e dos ideais. Trata-se da perda de algo de si.

O conceito de *identificação* vai se desenvolvendo paulatinamente na obra freudiana assumindo um valor fundamental na constituição do aparelho psíquico. Em *Luto e Melancolia*, Freud (1917) usa pela primeira vez o conceito de identificação – incorporação ao eu de um objeto perdido que se processava por assimilação do próprio eu de traços do todo ou de partes desse objeto. De acordo com Laplanche & Pontalis (1992), a identificação é um

processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações (p. 226).

A noção de *identificação narcísica* é uma importante contribuição de *Luto e Melancolia* (1917) para o estudo sobre o narcisismo. A identificação narcísica já havia sido denominada em *Totem e Tabu* (1913) como um modo primário de relação com o objeto, ou seja, o modo como o eu incorpora o objeto. Freud (1913) faz uma análise sobre o canibalismo assinalando que o eu tem o desejo de incorporar esse objeto conforme a fase oral canibalística em que se encontra e deseja fazê-lo devorando-o. Assim, incorpora ao mesmo tempo as qualidades que pertenciam a ele (objeto) e parte da sua força. Dez anos mais tarde, numa nota de rodapé em *O Ego e o Id* (1923b), a ideia é retomada e apresentada de forma mais precisa.

Um paralelo interessante à substituição da escolha de objeto pela identificação pode ser encontrado na crença dos povos primitivos de que os atributos dos animais que são incorporados como alimentos persistem como parte do caráter daqueles que os comem (Freud, 1923a, p. 257).

Em *Psicologia de Grupo e análise do ego*, Freud (1921) dedica um capítulo ao tema da identificação, examina diferentes modalidades de identificação e usa a melancolia como um exemplo de forma narcísica na

qual há uma regressão do amor objetal para a identificação. Propõe que: “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (p. 115). Mais adiante, no mesmo texto postula que “a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (p. 116). A identificação aparece então como constitutiva dos processos psíquicos.

No caso da melancolia, a identificação possibilita que o sujeito preserve o objeto junto a ele, o objeto perdido por intermédio do processo de identificação se torna parte do eu do sujeito mesmo que de forma imaginária, o que torna impossível a elaboração da perda. Freud (1917) aponta que a “identificação narcisista com o objeto se torna, então, um substituto da catexia erótica e, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa” (p. 282). Assim, este próprio eu identificado com o objeto e agora de posse de sentimentos hostis que eram dirigidos a ele será julgado e culpabilizado pelos sofrimentos a ele infligidos. Recapitulando, as acusações e recriminações que o sujeito melancólico faz a si mesmo denunciam sentimentos de ódio e desprezo para consigo; na realidade, são derivados de sua relação com o objeto perdido e explicados pelo processo de identificação narcísica com o objeto – escolhido segundo o modelo da própria pessoa. A identificação possibilita que o sujeito preserve de forma fantasiosa o objeto, assim dispensando a elaboração da perda. A identificação com o objeto é responsável por preservar o objeto junto ao eu. Dessa forma, no processo de identificação narcísica, há uma cisão no eu e o conflito com o objeto amado torna-se um conflito entre o eu e as instâncias.



E, como já explicitado, essa identificação é expressa de forma ambivalente porque destrói o objeto enquanto objeto e o torna parte do próprio eu, fazendo com que o sujeito preserve de forma alucinatória o objeto impedindo a elaboração, o luto.

As pontuações acerca da perda, da dor e da identificação na melancolia nos levam a relacioná-las com a ambivalência presente desde o início na constituição do aparelho psíquico.

### **2.3 Ambivalência na melancolia**

Em *Totem e Tabu*, Freud (1913) afirma que a ambivalência consiste na existência simultânea de amor e ódio com relação ao mesmo objeto, estando sempre presente em maior ou menor grau na disposição inata dos indivíduos.

No texto *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), o conceito de ambivalência é formulado em relação aos instintos sendo comparado o conflito de amor e ódio com os instintos sexuais e os instintos do eu. Já na elaboração da concepção de dualidade pulsional – as pulsões de vida e de morte –, a ambivalência é inserida no conflito entre essas duas pulsões (Freud, 1920). Em *O mal estar na civilização*, Freud (1920) destaca um conflito devido à ambivalência representando uma luta entre o amor e ódio, isto é, entre os instintos de vida e os instintos de destruição e morte. Destaca também o sentimento de culpa como expressão de tensão entre estas duas tendências opostas. Esse conflito devido à ambivalência tem um papel fundamental nas neuroses e, como vimos, na melancolia.

Em *Psicologia de Grupo e análise do ego*, Freud (1921) refere à ambivalência como característica presente na identificação, apontando sua ocorrência no *complexo de Édipo*.

A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início: pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo de afastamento de alguém. Comporta-se como um derivado da primeira fase de organização da libido, da fase oral, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal. O canibal, como sabemos, permaneceu nessa etapa; ele tem feição devoradora por seus inimigos e só devora as pessoas de quem gosta (p. 115).

Freud (1923a) apresenta convergências e divergências entre a melancolia e a neurose obsessiva<sup>3</sup>. Como distinção fundamental, está a forma como na melancolia o eu reage às acusações a ele dirigidas e se sente culpado enquanto na neurose obsessiva não aceita as acusações e se rebela. No entanto, Freud destaca também um ponto em comum: a ambivalência – presente em ambos os quadros. Na neurose obsessiva, a ambivalência é dirigida contra o objeto externo – o amor e o ódio se transformam com muita rapidez. Já na melancolia, a ambivalência se dá com relação ao objeto – o amor e o ódio são dirigidos para si mesmo e para o objeto que foi introjetado via identificação; dessa maneira, é o próprio eu que fica ambivalente.

Em *Luto e Melancolia*, Freud (1917) expõe que além dos elementos que fazem parte da melancolia – a perda do objeto e a regressão narcisista – há outro que quando encontrado no luto o torna patológico: a ambivalência. Nesse trabalho, assinala que há uma forte ambivalência na

---

<sup>3</sup> Neuroses obsessivas: Classe de neuroses definidas por Freud e que constituem um dos principais quadros da clínica psicanalítica. Na forma mais típica, o conflito psíquico exprime-se por sintomas chamados compulsivos (ideias obsedantes, compulsão a realizar atos indesejáveis, luta contra esses pensamentos e estas tendências, ritos conjuratórios, etc.) e por um modo de pensar caracterizado particularmente por ruminacão mental, dúvida, escrúpulos, e que leva a inibições do pensamento e ação (Laplanche & Pontalis, 1992, p. 313).

relação do sujeito com o objeto perdido devido a dois fatores. O primeiro é que esta seria uma característica intrínseca do eu na forma de se relacionar com os objetos. O segundo é que as experiências repetidas com relação à ameaça da perda do objeto desenvolveram a vivência de sentimentos de ambivalência. Na vivência de perda, a ambivalência fica acentuada, despertando um grande ódio contra o objeto. Sobre esta vivência, Freud, (1917) pontua:

A perda do objeto erótico constitui uma excelente ocasião para fazer surgir a ambivalência das relações amorosas. Dada uma predisposição à neurose obsessiva, a ambivalência empresta ao luto uma estrutura patológica, e o obriga a exteriorizar-se na reprovação de haver desejado a perda do objeto amado ou inclusive ser culpado dela (p. 283).

Freud (1917) analisou as chamadas humilhações de que se queixa o melancólico e identificou a ambivalência de amor e ódio pertencente ao vínculo do sujeito com o objeto perdido. O eu identificado com o objeto, consequência da regressão narcisista na melancolia, vivenciará conflitos ambivalentes.

Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser abandonado, ao mesmo tempo em que objeto o é – se refugiou na identificação narcísica, o ódio entra em ação neste objeto substitutivo insultando-o, humilhando-o, fazendo-o sofrer e ganhando neste sofrimento uma satisfação sádica (p. 58).

O vínculo com o objeto não é só de amor. Talvez enquanto permaneça a relação com o objeto haja certa ambivalência prevalecendo o amor. Com o abandono do objeto – real ou fantasiado –, o ódio é que prevalece sobre a ambivalência e se volta ao próprio eu.

Na melancolia, o objeto é abandonado, mas o amor permanece e refugia-se na identificação narcísica. O ódio se volta sobre o objeto substitutivo, depreciando-o e fazendo-o sofrer, obtendo com isso uma

satisfação sádica. Freud (1917) se refere a isso afirmando que na melancolia a autotortura produz prazer e satisfação. Dessa forma, podemos dizer que há satisfação de tendências sádicas na melancolia. Para Freud (1917), essas tendências sádicas são responsáveis pelo suicídio na melancolia. O eu por meio da regressão da libido ao narcisismo pode tratar-se como objeto, voltando contra si a hostilidade originariamente dirigida ao objeto.

Dessa forma, identificamos a ambivalência como uma das características da melancolia – o conflito se dá entre uma parte do eu e seu agente crítico, sendo que o ódio nesse caso envolve o perigo de suicídio característico do estado melancólico. Neste ponto, passamos a tratar da pulsão de morte na melancolia.

#### **2.4 A pulsão de morte na melancolia**

No texto *O Ego e o Id*, Freud (1923a) atribui novos mecanismos presentes na melancolia à pulsão de morte e ao supereu, que o levam a tecer outras considerações sobre a melancolia. Freud (1923a) outorgou uma destrutividade do supereu contra o eu tão intensa na melancolia que caracterizou o supereu do melancólico como “uma cultura pura da pulsão de morte” (p. 66).

Pontalis (2005) entende que a temática da morte é tão constitutiva da psicanálise freudiana quanto à temática da sexualidade. E reflete:

É em seu processo radical de desligação, de fragmentação, de desarticulação, de decomposição, de ruptura, mas também de fechamento, processo cuja única finalidade é realizar-se e ao qual seu caráter repetitivo imprime a marca do pulsional, que a pulsão de morte se exerce (p. 260).

O texto paradigmático da pulsão de morte é *Além do princípio de prazer*, em que Freud (1920) amplia a teoria das pulsões postulando que a

pulsão é uma força que projeta internamente o organismo e tem como finalidade restabelecer um estado anterior. Jorge (2003) afirma que: “a pulsão é imperiosa, ela exige, a todo custo, a satisfação que almeja, é imperiosa, é de uma exigência radical” (p. 23). Freud classifica as pulsões em duas categorias: as pulsões de vida sexuais e de autoconservação, sendo Eros seu grande representante, e as pulsões de morte, que têm por objetivo o retorno ao inorgânico e ao inanimado e seu representante Tânetos. As pulsões de vida têm como propriedade a ligação, a união, a expansão e preservação da vida. As pulsões de morte, por sua vez, têm como propriedade a destruição, o desligamento, a divisão e o sadismo. A destruição atua na pulsão de morte direcionando-se contra o mundo externo e outros organismos. Sobre a pulsão de morte, Freud (1920) assinala que o “objetivo de toda a vida é a morte, e, voltando o olhar para trás, que as coisas inanimadas existiam antes das vivas” (p. 49). Foi por meio desta observação que o autor atentou para a pulsão de morte, cujo objetivo é de reduzir a zero a quantidade de excitação no aparelho psíquico. Para Freud (1920), a vida consiste no conflito dessas duas pulsões enquanto a morte significa o triunfo das pulsões de morte.

Nesse trabalho, Freud (1920) define o princípio de prazer como uma tendência cujo objetivo é conservar o aparelho mental livre de excitações, mantendo constante a quantidade de excitação que nele circula ou reduzindo-a ao mínimo possível. O autor examina alguns fenômenos que contrariam a ideia de que o aparelho psíquico se move unicamente evitando o desprazer e buscando o prazer. Observa que em muitas situações há uma “compulsão à repetição” de acontecimentos desagradáveis, que causam

sofrimento na vida do sujeito, mas que, no entanto, há uma insistência na sua repetição como se houvesse uma determinação para que eles aconteçam repetidamente. Em tal cenário, a predominância do princípio de prazer começa a ser questionada, pois há, contudo, acontecimentos que evidenciam uma divergência desta tendência, tais como: sonhos repetitivos traumáticos, compulsão a repetição, necessidade de punição, passagem ao ato, sentimento inconsciente de culpa, repetição na transferência analítica e agressividade. Dessa forma, a pulsão de morte seria simbolizada pelo princípio de Nirvana – uma força intensa capaz de vencer o princípio de prazer.

Temos discernido que a tendência dominante da vida psíquica, e talvez da vida nervosa em geral, a de rebaixar, manter constante, suprimir a tensão interna do estímulo (o princípio de Nirvana, segundo a terminologia de Barbara Low) do qual é expressão no princípio de prazer. Esse constitui um de nossos mais fortes motivos para crer na existência das pulsões de morte (Freud, 1920, p. 54).

Com relação à compulsão à repetição, que é da ordem do inconsciente e traz consigo as pulsões recalçadas, Freud (1920) refere que grande parte do que ela representa causa desprazer ao sistema consciente do eu; no entanto, causa uma satisfação pulsional inconsciente. Afirma que as doenças orgânicas influenciam a distribuição da libido, mas há condições em que se identificam graves distúrbios nesta distribuição. Há uma interrupção e a energia sexual é direcionada ao órgão prejudicado. Isto foi observado a partir da constatação de que se um evento traumático for acompanhado por um dano físico, o excesso de excitação liberado pelo trauma será desviado para o órgão prejudicado, o que cria uma situação favorável à recuperação psíquica.

Para Laplanche & Pontalis (1992), “a ação da pulsão de morte poderia até ser percebida em estado puro quando tende a desfundir-se da pulsão de vida, por exemplo, no caso do melancólico, cujo supereu surge como uma cultura pura da pulsão de morte” (p. 411). A pulsão de morte age na defusão com o componente erótico.

Conforme já explicitado, no estado melancólico, o eu se identifica com o objeto perdido tornando-se o próprio objeto introjetado e, conseqüentemente, alvo do supereu. Desfaz-se então o laço do melancólico com o mundo. A partir disso, Freud (1920) mostra que há uma retirada da pulsão sexual que não tem mais nenhuma ligação objetual, permanecendo fechada no interior do eu alimentando apenas o laço do amor perdido. A melancolia se torna, então, prisioneira da pulsão de morte, destituindo o sujeito de todos os laços com os objetos e a vida.

Na melancolia, a tendência de buscar o prazer obtido pelo objeto perdido gera uma compulsão à repetição que persevera na intenção de suprir a falta para o psiquismo. O sujeito melancólico necessita fortemente daquilo que perdeu para se completar. Para isso, ele incorpora o objeto em uma tentativa desesperada de se completar e se fundir com o objeto visando diminuir e acabar com a insuportável tensão causada pela falta do objeto. Salienta-se nessa tendência à compulsão à repetição a afirmação de Freud de que essa compulsão se manifesta para além do princípio do prazer. Como já explicitado, o laço que liga o melancólico à vida é tênue podendo se ver a ação da força destrutiva que impera agindo sorrateiramente nas tentativas de autoextermínio. O que se observa então é a presença de uma pulsão destrutiva que ao predominar pode levar o sujeito à morte.

Vemos que na melancolia a pulsão de morte aparece predominantemente como pulsão de destruição, sendo que esta é dirigida ao eu, mas também ao mundo externo. O eu assume a culpa via identificação com o objeto submetendo-se ao supereu que por sua vez atua cruelmente contra o eu dirigindo fortes acusações a este – o que pretendemos trabalhar a seguir.

## **2.5 O supereu na melancolia**

Como vimos anteriormente, em *O Ego e o Id*, Freud (1923a) formaliza a nova tópica do aparelho psíquico, na qual a explicação da melancolia está centrada nas relações entre o eu e o supereu. Conforme Green (2008, p. 98), “o superego é uma novidade absoluta da segunda tópica. Não existe nenhum equivalente na primeira tópica”. Enfatizando esse conflito, Freud (1923a) propõe uma organização metapsicológica específica a estes quadros baseados em sua nova teoria do aparelho psíquico.

Na segunda tópica, Freud descreveu o supereu como uma instância que tem um papel semelhante a um juiz ou um censor do eu. Suas funções são a consciência moral, a auto-observação e a formação de ideais. É considerado o herdeiro do complexo de Édipo, constituindo-se a partir das exigências e interdições parentais onde o investimento libidinal da criança nos pais é transformado em identificação, dessa forma sendo introjetadas também as proibições.

Em *Luto e Melancolia*, Freud (1917) diferencia uma parte da personalidade que assume a função de modelo e juiz definida como um sistema que possui duas estruturas: o ideal do eu e uma instância crítica. No princípio da formação do supereu, há o abandono dos desejos eróticos e



hostis edipianos e, portanto, a transformação deste investimento parental em identificação e interdição das proibições. Para Freud (1932, p. 31), “a instauração do superego pode ser considerada um caso de identificação bem sucedida com a instância parental”. Contudo, o superego da criança não se desenvolve somente pela personalidade dos pais e sim do superego dos pais, de suas exigências e de tudo que foi transmitido por eles: o superego é o herdeiro do superego paterno.

Na melancolia, o objeto que é alvo da ira do superego “foi incluído no eu mediante identificação” (Freud, 1923a, p. 130). O eu não protesta contra essa ira, submetendo-se aos castigos a ele infligidos. O superego então imputa ao eu a culpa pela perda do objeto. Essa culpabilidade se transformou em autoacusação e com ela uma expectativa de punição sendo que por maior que seja o castigo nunca será absolvido. A autoacusação vai se transformando em constantes ataques contra si mesmo destacando, portanto a pulsão de morte.

Para Freud (1923a), o sentimento de culpa na melancolia tem presente a ação do superego apoiado na consciência e o eu submetendo-se a ela. O superego se volta hostilmente contra o eu e novamente o que prepondera nele é a pulsão de morte, que tem como características a compulsão à repetição – repetição de um estado anterior – à destruição, ao retorno ao inorgânico e à recusa de ligação com os objetos. O sentimento de culpa deriva de “uma tensão existente entre o ego e o ideal do ego” (Freud, 1923a, p. 67) – a base constituinte dos sentimentos de inferioridade.

Como nos períodos iniciais do desenvolvimento infantil o eu se viu ameaçado de castração pelo superego e este se transformou em “um ser

superior”, ele (o eu) guarda um forte temor ao supereu. Freud (1923a) afirma que todo medo é medo de morte, sendo a morte, para o eu, o abandono da libido narcísica. Na melancolia, com a perda objetal, acontece um deixar-se abandonar como um objeto externo que se transforma em identificação narcísica. O medo da morte se dá na melancolia entre o próprio eu que se abandona por não se sentir amado e sim perseguido e odiado pelo supereu.

Em seu texto sobre o humor, Freud (1927) propõe uma face bondosa do supereu. Refere que isso não acontece com a melancolia, em que o supereu apresenta outra face: o sadismo. Dessa forma, a melancolia se apresenta como uma excessiva exigência do supereu onde não há uma elaboração do eu frente aos conflitos incestuosos e do parricídio.

Como pontuado por Freud (1932) em *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, na melancolia, há uma cisão do eu com uma parte se identificando com o objeto perdido e suscitando o retorno do sentimento de ódio para com o objeto. Essa cisão é considerada por Green (2008) a gênese do supereu. O indivíduo na melancolia se envilece, se recrimina, se acusa e espera ser severamente punido, demonstrando uma satisfação nesses atos. Essa voz crítica e desqualificadora é a do supereu que se dirige severamente contra o eu na melancolia evidenciando um forte sentimento de culpa que se apresenta de forma consciente nesta patologia.

Kehl (2011) vai também relacionar o sadismo do supereu na melancolia:

“O autotortimento indubitavelmente deleitável da melancolia” (grifo da autora) aponta para uma modalidade sádica de satisfação pulsional, cuja natureza exige uma explicação do ponto de vista tópico. A satisfação sádica em insultar e humilhar o ego provém de uma de suas funções específicas, a consciência moral ou (como ficará estabelecido depois de 1920, em *O Ego e o Id*) o superego (p. 20).

Para Kehl (2011), esse sadismo do supereu não é exclusivo da melancolia se mostrando presente também na neurose obsessiva. Contudo, na melancolia, ele é bem mais cruel devido “à defusão entre Eros e Tânatos, que libera o gozo da pulsão de morte do limite imposto pelos investimentos parciais efetuados pelas pulsões de vida” (p. 21).

Dessa forma, vemos que o supereu na melancolia se apresenta de maneira sádica voltando sua ira contra o eu. Podemos então, seguindo Freud, confirmar que uma forte violência e destrutividade se hospedou no supereu – a pulsão de morte.

### **2.6 Pulsão de morte e narcisismo moral em Green**

A pulsão de morte tem, conforme Green (1988), um caráter essencial de desligamento por meio de um trabalho silencioso e dissimulado, assumindo o que ele classifica como função desobjetalizante, cuja marca é o desinvestimento do objeto dirigindo-se gradativamente ao desinvestimento do eu. A fonte de frustração é o objeto que traumatiza. A pulsão, neste caso, é destrutiva, de desligamento. Com a perda, a angústia fica evidente, se instala, e a regressão atinge um nível zero, que é igual a nada, não vida, morte. Como nos diz Green (1988), no final do percurso, encontra-se a morte. E assinala, “há, portanto, uma articulação necessária a ser encontrada entre o narcisismo e a pulsão de morte da qual Freud não se ocupou e que ele mesmo nos deixou descobrir” (p. 12).

E é nesse cenário que Green estabelece o conceito de narcisismo negativo ou narcisismo de morte, que visa a não existência. É também nesse cenário que nos leva a refletir sobre os casos clínicos marcados pela ferida narcísica. Ainda sobre o narcisismo negativo, Green (1988) aponta

que este busca “a não satisfação do desejo objetal” (p. 49), não deixa o eu vulnerável à dependência e à submissão do amor do objeto. Para o autor, Freud postulou “o Um”, os analistas das relações objetais postularam “o Outro”, e ele propõe uma nova “categoria do Neutro (neuter, nem o Um nem o Outro)” (p. 41).

No artigo *O narcisismo moral*, Green (1988) faz a descrição de um tipo clínico o qual atribui o valor de estrutura chamado narcisismo moral. O narcisismo moral é classificado, pois, como uma subestrutura do narcisismo. Inicialmente, o autor faz a diferenciação do narcisismo moral com o masoquismo cunhado por Freud (1924) em *O problema econômico do masoquismo*. Faz ainda diferenciações entre as fantasias do masoquista e do narcisista moral. “‘Onde houver um tapa a receber’, disse Freud, ‘o masoquista oferece a face’ [...] ‘onde houver necessidade de renunciar a alguma satisfação, o narcisista moral se oferece’” (Green, 1988, p. 194). O masoquismo trata de uma passividade onde a presença do outro é imprescindível, já o narcisista moral trata de renúncia do mundo, de solidão, de dor, de privação, de pobreza, de sofrimento. Há um elevado ascetismo. A sua dívida permanente, de modo semelhante à melancolia, é com o ideal do eu e, como consequência, não se sente culpado, mas envergonhado. Vergonha, orgulho, honra são as palavras-chave para essa estrutura. Nesses sujeitos, aparece de forma encoberta a idealização do sacrifício e do sofrimento, a enorme resistência à dor tanto física quanto psíquica e ao submeter-se desmesuradamente aos ideais. O benefício é a enorme sensação de superioridade que o sujeito obtém pela capacidade de suportar o sadismo do objeto. Se mostram arrogantes e onipotentes, o sofrimento é

um prêmio, um troféu que tem que ser exibido a todo momento. Nesses casos, mais do que pelo sentimento de culpa ou necessidade de castigo o masoquismo é sustentado pela necessidade de sofrimento junto com o sentimento de superioridade. Tornar ativo o sofrimento sofrido passivamente é um modo de transformar o sofrimento em uma virtude.

Sobre as relações objetais, Green (1998) nos ensina que o masoquista busca no desprazer um forte vínculo com o objeto enquanto o narcisista moral procura romper o vínculo com o objeto e para isso buscará “empobrecer cada vez mais suas relações objetais para levar o Eu ao seu mínimo vital e conduzi-lo assim ao seu triunfo liberador” (p. 196). Isso deriva em um “sentimento de ser melhor pela renúncia” (p. 197). Esses sujeitos usam a moral para se verem livres das vicissitudes da relação objetal e com isso livres da submissão de tais vínculos.

O segundo aspecto frisado por Green (1988) sobre o narcisismo moral é um retardamento afetivo:

Conhecemos seus aspectos banais: a pieguice, a não sensibilidade, o horror aos apetites humanos orais ou sexuais e não sua sublimação, que implica sua aceitação: o medo do sexo, sobretudo do pênis, que esconde uma inveja (presente nos dois sexos) de um caráter absoluto e incomensurável e o apego a devaneios de um tipo pueril, enfático e facilmente messiânico. Reconhecemos estes seres na vida por se colocarem frequentemente na posição de Judas; isto não os incomoda, pois estão convencidos de sua superioridade sobre os comuns mortais (p. 198).

Estes sujeitos apresentam-se extremamente frágeis com a sensação da iminência do irrompimento de uma psicose ou comportamento perverso. Green (1988) frisa que a rejeição e a recusa de realidade são as defesas predominantes, o que nos leva a fazer uma aproximação com a melancolia, da qual a recusa da realidade é uma forte característica. Também os sujeitos

narcisistas morais encontram prazer no empobrecimento, pois a manifestação das pulsões é uma forte ameaça para eles, sendo a renúncia a este prazer a saída encontrada.

O narcisismo moral “é caracterizado por uma economia que sobrecarrega muito o eu em consequência tanto da pulsão de morte, que confere ao princípio de Nirvana (aquele do abaixamento das tensões ao nível zero) uma relativa preeminência sobre o princípio do prazer quanto da renúncia pulsional sobre as satisfações da ilusão” (Green, 1988, p. 194). Ambos o narcisista moral e o melancólico vivem em uma constante tensão desejando ser amado por um supereu extremamente exigente e um *ideal do eu* tirânico, o que fracassa.

A categoria narcisismo moral nos leva a uma ampliação de conceitos com relação ao narcisismo e à melancolia trazendo elementos novos e reafirmando outros como, por exemplo, a anestesia do sujeito; a renúncia; o submeter-se à recusa às relações objetais e à realidade; a forte presença da pulsão de morte, que são elementos presentes nos quadros melancólicos e nas neuroses narcísicas.

Associando a melancolia ao narcisismo moral encontramos a recusa às ligações objetais, o forte componente do sadismo contra o próprio eu, e o masoquismo. A recusa às ligações objetais nos dois casos, tanto no narcisista moral quanto no melancólico, se insere no campo do desligamento de tudo que não diga respeito ao objeto idealizado, ao próprio eu ideal.

O masoquismo moral apresenta características que o aproximam da melancolia, entre elas a baixa autoestima e a necessidade de punição. No masoquismo moral, o mais importante para o sujeito é o sofrimento e a

autotortura. Contudo, na melancolia coincidem o sadismo e o masoquismo, pois o eu que se inflige o castigo é o mesmo eu que foi introjetado e que é passivo nesse sofrimento. Outro ponto de similaridade entre a melancolia e o narcisismo moral está vinculado ao supereu, que em ambos os casos julga o eu como culpado, com uma severidade e crueldade ímpares.

## Capítulo III

### A mãe morta e o luto impossível

#### 3.1 O conceito de mãe morta em Green

No presente capítulo, recorreremos a Green para nossa articulação com os pressupostos freudianos acerca da melancolia trabalhados nos capítulos anteriores. André Green foi grande estudioso de Freud e outros psicanalistas pós-freudianos que elaborou teorizações sobre inúmeras temáticas do campo da psicanálise. Entretanto, não são muitas suas formulações sobre a melancolia. Green reafirma as posições de Freud sobre a melancolia e se dedica mais aos *estados-limites*, termo cunhado por ele, o que não impede que busquemos pontos fundamentais de articulação sobre sua compreensão da melancolia. Em nosso entendimento, dentre suas várias formulações as que mais nos possibilitaram uma aproximação com o tema tratado foram as do narcisismo e do complexo da mãe morta. Nesse sentido, percorreremos o caminho da construção teórica de Green presente no livro *Narcisismo de vida, narcisismo de morte (1988)*, em que dedica um capítulo ao tema, intitulado *A mãe morta*. Este texto nos possibilitou uma reflexão mais aprofundada acerca do fenômeno indagado em nossa dissertação, ou seja, a perda do objeto e o luto inelaborável.

A fim de elaborarmos a articulação com a melancolia, nos fundamentamos, neste capítulo, no trabalho de Green, apresentando a construção teórica da mãe morta, o relacionamento com a constituição psíquica do sujeito, as defesas psíquicas adotadas pela criança para enfrentar tal situação e os efeitos da identificação com a mãe no psiquismo



da criança. Em seu artigo *A mãe morta*, Green (1988) utiliza a metáfora *mãe morta* para caracterizar a relação de uma mãe totalmente absorvida por um luto e uma criança que, em decorrência dessa situação, poderá experimentar um processo melancólico. Green irá deter-se nos traumas psíquicos infantis e nos problemas decorrentes do luto presentes na relação entre a mãe e a criança. O autor deixa claro que não se trata da morte real, mas sim de uma imagem representada pela criança decorrente de uma profunda frustração, perda ou tristeza da mãe que faz com que ela se apresente como morta psicologicamente para a criança. Com relação à perda real, Green refere que esta de fato provoca prejuízos à criança, mas a perda em si pode não ser a consequência principal. O que causará ou não o que Green chama de catástrofe psíquica será a relação anterior à perda, ou o significado que a criança dará à relação objetal anterior e à estruturação psíquica peculiar de cada criança. Green salienta que essa configuração vai ao encontro das ideias de Freud sobre a etiologia das neuroses, onde a constituição psíquica da criança se forma pela combinação de suas disposições pessoais herdadas e os acontecimentos de sua infância.

A matéria prima do trabalho de Green provém da experiência clínica com seus pacientes em análise como também dos autores considerados fundamentos de seu saber, sobre o luto: Freud, Melanie Klein e Winnicott, Green (1988). Uma das ideias da psicanálise sobre a qual Green se debruça é a perda do objeto – nosso objeto de pesquisa.

Segundo Green (1988), a teoria psicanalítica atribui uma importância crucial ao conceito de pai morto e nunca se ouviu falar em mãe morta como referência estrutural. Isto posto, consideramos que o conceito e a noção de

mãe morta é uma concepção inovadora para o entendimento da estruturação do sujeito.

Embora o autor tenha se norteado na *Interpretação dos Sonhos*, de Freud (1900) para a construção do artigo em pauta, observamos a relação deste com o texto *Luto e Melancolia* (1917). Os eixos norteadores desses dois textos perpassam a problemática do luto. Já vimos que a perda do objeto estabelece o tipo de vínculo objetal e os significados atribuídos à perda. Dependendo deles, a perda pode ocasionar luto ou melancolia. Para Green (1988), o desinvestimento da mãe impedirá o investimento pulsional na criança, o que será experienciado pela criança como uma perda do objeto libidinal. Ainda conforme o autor (1988), há indícios de que anteriormente havia investimento afetivo da mãe sobre a criança; no entanto, de uma hora para outra, a mãe desinvestiu o afeto que dedicava a ela, o que significou para a criança uma perda.

A criança sentiu-se amada, com todos os imprevistos, inclusive da mais ideal das relações. As fotos do pequeno bebê o mostram no álbum da família, alegre, acordado, interessado, cheio de potencialidades, enquanto retratos posteriores testemunham a perda dessa primeira felicidade (Green, 1988, p. 248).

Os prejuízos causados a essa criança pela perda do objeto de amor serão mais catastróficos quanto mais precoce for a mudança brusca. Green (1988) nos esclarece:

Deve-se então pensar que a experiência traumática à qual aludi foi mais discreta, ou mais tardia, sobrevivendo num momento em que a criança estava mais apta a suportar suas consequências e só teve que recorrer a uma depressão mais parcial, mais moderada e mais facilmente superável (p. 268).

Green (1988) se refere a fatores como, por exemplo, a decepção, uma grande frustração ou uma perda, os quais irão provocar uma ferida

narcísica, demonstrando que mesmo a perda consciente vai se relacionar com o vínculo inconsciente com o objeto perdido tal qual na melancolia. No entanto, Modell (2012) nos alerta para o equívoco que o termo *mãe morta* pode suscitar se acreditarmos que ele sugere uma relação causal de linearidade entre a vivência da *mãe morta* na infância e o conseqüente desenvolvimento da *síndrome da mãe morta*.

É como se a morte emocional da mãe infectasse a criança sem nenhuma consideração à resistência dessa criança à infecção, ou seja, que há alternativas de respostas à ausência emocional da mãe, condizentes às forças internas da criança (p. 84).

Nesse sentido, salientamos que não compactuamos com essa visão linear. Aqui tratamos de uma resposta possível ao luto da mãe. Tal luto que não possibilita o trabalho de luto da criança, que fica sem amparo para sua solidão, pois sente que não pode acordar a mãe.

### **3.2 Caracterização da *mãe morta***

No *complexo da mãe morta*, esta se caracteriza por encontrar-se em profundo estado de tristeza, absorva em um luto causado por uma perda. Trata-se de uma metáfora que remete à morte psíquica, à morte de uma mãe que embora viva tem sua vida marcada pela ausência. Conforme Green (1988), “refiro-me a esta (a mãe morta) como uma metáfora independente do luto real” (p. 246). “Uma mãe que permanece viva, mas que está por assim dizer, morta psiquicamente aos olhos da pequena criança que cuida” (p. 239). A mãe se abalou emocionalmente por alguma razão. Os principais motivos causadores desse abalo podem ser a perda de um ente querido ou outro objeto investido pela mãe assim como uma decepção, abandono, conflitos na família, humilhações, fatores estes que abastecem a ferida narcísica. O que é considerado o mais grave de todos estes fatores é a

perda de um filho de pouco tempo de vida. Em todos esses casos, o que está em jogo é a tristeza da mãe voltada para si mesma, com forte diminuição de interesse e cuidados com a criança – “uma mãe absorta, seja nela mesma, seja em outra coisa, e não disponível, sem eco, mas sempre triste. Uma mãe muda, ainda que loquaz. Quando estava presente, permanecia indiferente, mesmo quando recriminava a criança” (Green, 1988, p. 253). O autor nos alerta que é a partir da perda que a mãe passa a se sentir sem ânimo para a vida. Será uma mãe presente que está ausente: em razão do luto, a *mãe morta* tem uma relação distante com o filho, sente-se incapaz de amá-lo e cuidá-lo apesar de continuar a fazê-lo. Consequentemente, originará um “núcleo frio que posteriormente será superado, mas que deixa uma marca indelével nos investimentos eróticos dos sujeitos em questão” (Green, 1988, p. 248).

A mãe que muda de uma hora para outra em decorrência de um luto súbito, desinveste fortemente seu filho, que vive esse acontecimento como uma catástrofe: “[...] sem nenhum aviso prévio o amor foi repentinamente perdido” (Green, 1988, p. 248). O resultado é um grande trauma narcisista, pois além da perda do amor, há uma perda de sentido. A criança não entende o que aconteceu e, como se considera o centro das atenções da mãe, interpreta esta perda como fruto de suas pulsões para com o objeto. Vemos mais um cenário que se apresenta de forma semelhante à melancolia. A configuração aponta, em primeiro lugar, para uma “problemática narcísica”: “sendo as exigências do Ideal do Eu consideráveis, em sinergia ou em oposição com o Supereu” (Green, 1988, p. 246).

Muitas vezes, a mãe é incapaz de reconhecer que a criança possui uma vida interna separada dela. É uma mãe que não tem a capacidade de reconhecer a diversidade. Esse fracasso materno em reconhecer a singularidade da vida interna da criança pode ter consequências devastadoras. Para a criança, funciona como se sua mãe não reconhecesse sua vida psíquica e, portanto, não desejasse que ela existisse e tivesse a permissão de ser uma pessoa. Conforme Modell (2012), “acreditar que a mãe retém sua permissão para existir pode resultar na convicção que todo o desejo é proibido, pois se não tem a permissão de existir, não tem o direito de desejar ou de querer algo para si mesmo” (p. 78).

### **3.3 Metapsicologia do *complexo da mãe morta***

Para Green (1988), a *mãe morta* é uma metáfora, pois a perda da mãe é simbólica e não se relaciona com a perda do objeto na realidade, o sujeito responde não à perda da mãe, mas sim à sua privação. Bollas (2012) vai refletir como pode a *mãe morta* a que se refere Green (1988) ser vista como um evento de realidade? Responde que apesar de ter uma origem psíquica e um significado inconsciente, a *mãe morta* pode acabar sobrepondo o eu assim como um vírus da gripe faz com o corpo. E explica que o tipo de morte sofrida pela mãe no *complexo da mãe morta* também é uma morte como evento psíquico no período em que ocorre; apesar de ter sentido, o sentido é perdido para a criança que experimenta esse evento. A morte acontece então como evento psíquico e não real, mas sem significação nem sentido, a criança a vive psiquicamente como sendo real.

Modell (2012) sugere que existem variações individuais na capacidade de aceitar paradoxos: que em algum ponto dos primeiros anos de

vida alguns bebês terão a capacidade de apreciar paradoxos e metáforas, enquanto outros não. Tal criança talvez seja capaz de brincar com a sua similaridade e diferença com a mãe. Mesmo que a mãe esteja deprimida e emocionalmente indisponível, o resultado não precisa ser uma identificação total ou primária com ela; a criança pode adaptativamente se identificar com diferenças no lugar de semelhanças. “A criança pode escolher ser o oposto da mãe. Isso não exclui uma identificação no nível inconsciente, mas essa situação é deveras diferente de uma identificação total ou primária” (p. 85). Estabelece assim uma diferenciação entre identificação e identificação total primária com a criança e uma mãe não disponível. A identificação com as diferenças fariam parte de um processo adaptativo da criança e estariam inseridos na capacidade de aceitar paradoxos. Como exemplo para essa individualidade construída pela criança com base na separação, o autor cita a criança que ao invés de incorporar a insensibilidade materna ao estado interior do outro, desenvolve uma hipersensibilidade ao interior do outro, compensatoriamente.

Para Green (1988), a angústia da criança está associada à situação traumática vivida por ela, consequência do desinvestimento libidinal por parte da *mãe morta*, estando presente um estado de vazio por não estar satisfeita em suas necessidades pulsionais. A criança estaria então absorvida em um “luto branco” relacionado à “angústia branca”. Conforme o autor:

A série “branca”: alucinação negativa, psicose branca e luto branco, todos referidos ao que poderíamos chamar a clínica do vazio, ou a clínica do negativo, são o resultado de um dos componentes do recalçamento primário: um desinvestimento massivo, radical e temporário que deixa marca no inconsciente sob a forma de “buracos psíquicos” (p. 244).

Se esses acontecimentos ligados ao desinvestimento da mãe sobre a criança ocorrem no momento da constatação pela criança da existência de um terceiro, o pai, esse será considerado por ela como a causa para o desinvestimento materno, resultando na criança uma “triangulação precoce defeituosa” (p. 248). Para Green (1988), isso raramente corresponde à realidade. O que geralmente acontece é que o pai não responde ao sofrimento da criança, deixando-a à mercê da mãe. Eis o sujeito preso entre uma *mãe morta* e um pai inacessível, seja porque este está, sobretudo, preocupado com estado da mãe em detrimento do filho seja porque deixa o par mãe-criança sair sozinho dessa situação. Green (1988) postula ainda que há casos em que a experiência traumática da criança foi mais sutil ou aconteceu em fases em que a criança estava com mais condições psíquicas para vivenciar desencadeando, sendo então “uma depressão mais amena e de fácil superação” (p. 268).

Para o autor, no *complexo da mãe morta*, a criança tenta reparar a mãe de seu luto de várias formas, entre elas figuram a agitação, a insônia, a alegria superficial e terrores noturnos. Sendo todos os recursos empregados em vão e sentindo-se impotente frente à perda e à ameaça de perda da mãe, a criança coloca em ação outras defesas.

A primeira dessas defesas é um desinvestimento materno no qual a criança “mata” psicicamente o objeto e deixa de investir afetivamente nele, o que anulará o sentimento de ódio pela mãe. Esse desinvestimento afetivo tem como consequência o surgimento de um *furo no psiquismo*: a falta, a ausência, um buraco onde deveriam estar as marcas positivas do investimento materno, significando uma perda do núcleo do narcisismo

primário. O desinvestimento da imago materna vai refletir “na constituição de um buraco na trama das relações objetais com a mãe; porém, esse assassinato psíquico do objeto [é] realizado sem ódio, por clemência por uma mãe que já está morta, permitindo que os investimentos periféricos sejam mantidos” (Green, 1988, p. 249).

Depois de desinvestir, a criança irá se identificar com o objeto. Esse processo de identificação com a *mãe morta*, tal qual o processo melancólico, se relaciona com a identificação primária – condição de renúncia e de conservação que se dá por incorporação segundo o modo canibalístico e de forma inconsciente. A criança identificada primariamente com a mãe tenta recuperar um período em que a mãe não estava psiquicamente morta e que ainda havia investimento narcísico via identificação com ela e posteriormente pela regressão narcísica, o período que era o eu ideal da mãe.

Nessa identificação primária, a criança se identifica com a mãe que já está morta psiquicamente, tornando-se ela mesma um objeto inanimado. É como se diante do fato de não poder se sentir amada pela mãe a criança decidisse se tornar ela própria. De acordo com Green (1988), vai acontecer “um mimetismo, cuja finalidade, não podendo mais ter o objeto perdido, é continuar a possuí-lo, tornando-se não como ele, mas ele mesmo, uma conservação do objeto segundo o modo canibalístico” (p. 249) e semelhante à sombra do objeto na melancolia. Conforme frisa Figueiredo (2007), “o indivíduo identifica-se com o morto para assim sobreviver” (p. 485). Essa identificação tem um caráter alienante, pois se faz à revelia do eu. O sujeito fica esvaziado em sua capacidade de amar, faltando o núcleo narcísico para sustentar a identificação.



A criança na identificação primária identifica-se com a imagem em espelho. É uma mãe que está presente somente fisicamente, mas ausente na imagem narcísica da criança. Lambotte (1997) aponta que na gênese da melancolia a criança vive uma falha especular e é atravessada por um olhar vazio da mãe. Configura-se uma falha narcísica e o sujeito que sofre esse processo poderá vivenciar a melancolia.

Conforme Modell (2012), na identificação primária a individualidade do sujeito é perdida. No entanto, esta identificação pode consistir em uma internalização de atributos inconscientes da mãe, resultando muitas vezes em formações reativas: “a mãe ignora a vida interior do filho mas o filho em retorno, toma o que ela percebe das atitudes inconscientes da mãe como modelo para si” (p. 80). Há também o oposto da identificação, onde alguns sujeitos se tornam o oposto de suas mães, preservando assim uma individualidade e distinção do objeto (Modell, 2012).

Dessa forma, entendemos que o *complexo da mãe morta* é uma resposta à morte emocional da mãe e que a identificação primária pode ser ou não uma das muitas alternativas. A identificação total com a morte afetiva da mãe é o resultado mais patológico. As forças seletivas no interior do indivíduo entram em cena e contribuem para a sua resiliência ou para a falta desta. Essas forças devem incluir as capacidades cognitivas da criança e do bebê.

Outra defesa descrita por Green (1988) é a perda de sentido, de prazer, pois a criança não consegue explicar a mudança materna e seu desinvestimento; com isso, passa a crer que a ela é interdito ser e assim não lhe resta outra coisa a não ser a morte. As demais defesas são: “o

desencadeamento de um ódio secundário, (...) colocando em jogo desejos de incorporação regressiva, mas também posições anais tingidas de um sadismo maníaco onde se trata de dominar o objeto, de maculá-lo, de vingar-se dele etc” (Green, 1988, p. 248).

A excitação autoerótica é mais uma defesa relacionada por Green (1988), que consiste na busca de prazer puramente sensual dissociando corpo e psique e sensualidade e ternura, marcada por uma evitação de amar o objeto. Estes aparecem como o desenvolvimento de uma atividade frenética de jogo, mas não um brincar livre, mas sim a “obrigação de imaginar, assim como o desenvolvimento intelectual se inscreve na obrigação de pensar” (Green, 1988, p. 248). Tudo isso serve como uma tentativa desesperada de superar a perda da mãe e mascarar o buraco causado pelo desinvestimento.

A busca de um sentido para tudo isso ocasiona o desenvolvimento precoce das capacidades fantasmáticas e intelectuais do eu. Com o esforço para lutar contra a situação traumática, há uma forte intelectualização. Todo esse esforço tem como objetivo manter o eu vivo e fazer com que a mãe morta reviva para, finalmente, competir com o objeto que hipoteticamente causou o luto.

### **3.4 Repercussões psíquicas da identificação com a *mãe morta***

Green (1988) sugere que uma das consequências da identificação com a *mãe morta* é a incapacidade de amar que decorre da ambivalência. Como vimos no capítulo anterior sobre a ambivalência na melancolia, também no *complexo da mãe morta* o sujeito, ao vivenciar a perda, revive a ambivalência já existente. Green (1988) considera que o ódio pode ser

entendido como um produto secundário da *angústia branca* produto da perda narcísica sofrida pelo desinvestimento libidinal vivido pela criança com relação à mãe.

Conforme Green (1988), a incapacidade de amar no *complexo da mãe morta* é resultado da identificação com o objeto primário, a mãe morta, pois, o sujeito está indisponível por que se encontra ocupado internamente com o objeto, sem disponibilidade para amar outro – incapacidade que também se dá pela ambivalência. E explica:

De fato vai encontrar a incapacidade de amar, não apenas por causa da ambivalência, mas porque seu amor continua tão hipotecado à mãe morta. O sujeito é rico, mas não pode dar nada apesar de sua generosidade, pois não dispõe de sua riqueza. Ninguém tomou sua propriedade afetiva, mas ele não pode gozar dela (p. 255).

E continua assinalando que há uma prisão desses sujeitos ao funesto e mortífero de suas *mães mortas-vivas*. Além da incapacidade para amar, o sujeito apresenta também a incapacidade de trabalhar, que se revela como um fracasso: “[...] a vida profissional, mesmo quando profundamente investida, torna-se decepcionante, e as relações conjugais conduzem a perturbações profundas de amor, da sexualidade, da comunicação afetiva. Em todo caso é a esta última a que mais falta” (Green, 1988, p. 255). Contudo, frisa que, realmente, o amor é sempre o mais afetado nesta lógica de neutralidade nas relações.

Não pode haver muito, muito amor, muito prazer, muito gozo, enquanto do outro lado, a função parental está sobreinvestida. No entanto, esta função está, na maioria das vezes, infiltrada pelo narcisismo. As crianças são amadas com a condição de preencherem os objetivos narcisistas que os pais não conseguiram realizar (Green, 1988, p. 256).

Para Modell (2012), o mais específico da “síndrome da mãe morta” (p. 80) é a incapacidade de experimentar o prazer. “O próprio prazer de estar

vivo desapareceu. Mais que isso, em algumas situações, o prazer proveniente de qualquer fonte é proibido, independente de sua pureza. Se o prazer é por acaso vivenciado, invariavelmente se é punido” (p. 80).

O sujeito do *complexo da mãe morta* tende a desinvestir os objetos como a mãe assim o fez, evidenciando a dominância de pulsão destrutiva – pulsão de morte – sem componentes eróticos. Ele até dispõe de uma capacidade de amar, mas esta se encontra congelada como consequência da identificação com o congelamento do investimento materno.

Apesar de estar ocupado com a *mãe morta*, o sujeito busca relações objetais, porém, não consegue introjetá-las, e também não pode perdê-las ou abrir mão delas, pois na experiência primitiva com a mãe a criança se identifica com seu desinvestimento. Dessa maneira, “os objetos do sujeito ficam sempre no limite do Eu, nem completamente dentro nem totalmente fora. E isto porque o lugar está ocupado no centro pela mãe morta” (Green, 1988, p. 252). A compulsão à repetição mobiliza no sujeito o retorno da defesa antiga.

Nas relações de objeto posteriores, o sujeito preso na compulsão à repetição, porá ativamente em ação o desinvestimento de um objeto passível de decepcionar, repetindo a defesa antiga, mas estará totalmente inconsciente da identificação com a mãe morta, a quem ele se junta no revestimento das marcas do trauma (Green, 1988, p. 249).

Ainda conforme Green (1988), outra consequência é o sentimento de “impotência para sair da situação conflitiva, impotência para amar, para tirar partido de seus dotes, para aumentar suas aquisições, ou quando isso aconteceu, insatisfação profunda frente ao resultado” (p. 246).

Evidenciam-se nesses sujeitos conflitos intensos com os objetos próximos. Neles, a problemática narcisista está em primeiro lugar, com um

ideal do eu em acordo ou fazendo oposição ao supereu, como na melancolia. O sujeito tem a impressão que vive uma maldição, a *mãe morta* nunca acaba de morrer e o conserva prisioneiro. A dor entendida pelo autor como sentimento narcisista retorna à superfície.

Ela é o sofrimento instalado na borda da ferida, colorindo todos os investimentos, colmatando os efeitos do ódio, da excitação erótica, da perda do seio. Na dor psíquica, é impossível tanto odiar quanto amar, é impossível gozar mesmo de forma masoquista, impossível pensar (Green, 1988, p. 252).

Dessa forma, é provável que o *complexo da mãe morta* tenha deixado uma marca na história de vida do sujeito, que se manifesta por meio da repetição de revivência do trauma do desinvestimento do objeto primário, como veremos a seguir no trabalho do negativo.

### **3.5 O fracasso do trabalho do negativo e a *mãe morta***

No processo de diferenciação mãe-bebê, é muito frequente acontecerem transtornos que, conforme Green (1993), se relacionam com o fracasso do trabalho do negativo ao promover o objeto primário devido à ausência, indiferença ou desligamento afetivo da mãe com a criança, configurando-se assim o *complexo da mãe morta*. Por este motivo, inserimos a temática do trabalho do negativo no presente texto.

Para Green (1993), o trabalho do negativo tem uma função estruturante na constituição do psiquismo no contexto da relação mãe-bebê. Embora a palavra *negativo* tenha variados sentidos, o que interessa à psicanálise é a constituição de uma ausência latente, isto é, algo que mantém sua existência potencial mesmo que não seja mais percebível (Garcia, 2007). O trabalho do negativo abarca o conjunto de operações

psíquicas que efetuam funções psíquicas de negativização tais como o recalçamento, a alucinação negativa, a clivagem e a negativa.

Na relação mãe-bebê, estes mecanismos são operadores do apagamento do objeto primário e sua conseqüente internalização como estrutura psíquica. Para que de fato aconteça o apagamento do objeto materno, é crucial que a mãe suporte ser esquecida, ou seja, aceite o paradoxo da presença/ausência para o bebê.

Quando é possível a realização do trabalho do negativo, “o objeto primário torna-se estrutura enquadrante do Eu” (Green, 1988, p. 265). Tal “estrutura enquadrante funciona como um continente, uma moldura, um limite. Desempenha dessa forma o papel de uma matriz primordial dos investimentos futuros” (p. 265). Então, paulatinamente, do modo como Winnicott (1978) postula como *suficientemente bom*, é possível o apagamento do objeto primário e a transformação em estrutura enquadrante no psiquismo. Quando o trabalho do negativo fracassa, o bebê fica à mercê dos efeitos patológicos do desinvestimento pulsional que nada mais é do que a função desobjetalizante da pulsão de morte.

Na concepção de Green (1988), as condições favoráveis do cuidado materno preparam o psiquismo precoce do bebê para a inelutável separação entre ele e a mãe. Essa separação será responsável por uma transformação decisiva no desenvolvimento levando ao apagamento do objeto primário: “o objeto materno se apaga enquanto objeto primário da fusão, para dar lugar aos investimentos próprios ao eu, fundadores do seu narcisismo pessoal” (p. 264).

Contudo, o apagamento do objeto só é possível quando o bebê está seguro do amor de objeto, nesse caso, mesmo quando a mãe não está presente, a satisfação alucinatória do desejo torna suportável a ausência e a espera. Conforme Green (1988, p. 265), para poder suportar a perda e a separação do objeto deve haver o apagamento do objeto por meio do trabalho de luto. No caso do *complexo da mãe morta*, há uma maior complexidade, pois a separação a que o eu se opõe torna-se um objeto obstipante não possibilitando o apagamento do objeto primário.

Figueiredo & Cintra (2004) sustenta a tese de Green afirmando que “a função primordial do objeto que se deixa apagar é a constituição de um vazio estruturante, uma presença ausente que dá acesso ao desejo e possibilita a experiência de separação” (p. 17). Assim, o apagamento do objeto por meio do paradoxo presença/ausência torna possível a separação do objeto e, com isso, a entrada do desejo na vida psíquica. O deixar-se apagar para ser internalizado como estrutura enquadrante faz parte dos processos saudáveis do desenvolvimento do psiquismo e da função objetivante da pulsão de vida.

Em seu texto *A mãe morta*, Green (1988) expõem o início de sua concepção sobre o trabalho do negativo bem como a centralidade do caráter da alucinação negativa. Green (1988) afirma que não se pode pensar o objeto em psicanálise sem pensar no trabalho do negativo. Para Garcia (2007) o objeto “é aquilo que continua existindo como constituinte da estrutura psíquica, mesmo quando dele não se tem mais notícia” (p. 100). Quando o objeto não é apagado, há uma transformação de sua função com uma junção do objeto e da pulsão.

De forma contrária, com o objeto que se deixa apagar, há uma oxigenação das pulsões e o objeto da mesma forma que o objeto do enlutado é introjetado como estruturante no psiquismo. De acordo com Figueiredo & Cintra (2004),

“o objeto absolutamente necessário” (*grifo dos autores*) que se deixa apagar é forjado de um movimento pulsional em que o trabalho do negativo deixa suas marcas, seja na constituição do próprio objeto em seu lugar no espaço externo... *O objeto absolutamente necessário* não é introjetado como *objeto interno*, mas, tal como ocorre no luto, como elemento estrutural e estruturante do psiquismo (p. 17).

Ainda para os autores, “é quando os objetos fracassam ou produzem efeitos *extraordinários* que mais somos obrigados a reconhecer seu papel constitutivo” (Figueiredo & Cintra, 2004, p. 15). De forma inversa, no sujeito que pode contar com objetos suficientes, essa parte do objeto torna-se invisível e silenciosa podendo-se afirmar que neles o trabalho do negativo realizou sua tarefa de constituição do psíquico que incluiu o “esquecimento do objeto” (p. 16). O objeto deixou-se apagar. Quanto mais o objeto é ausente e faltante em suas funções de constituição do psíquico mais sua presença é derradeira.

Green (1988) nos mostra que quando acontece o fracasso da separação mãe-bebê, como no caso do *complexo da mãe morta*,

assistimos ao fracasso da experiência de separação individualizante (Mahler) onde o jovem eu, em vez de constituir o receptáculo dos investimentos posteriores à separação, luta para reter o objeto primário e revive respectivamente sua perda, o que provoca, ao nível do eu primário confundido com o objeto, o sentimento de uma depreciação narcisista (p. 267).

Dessa forma, a criança não consegue fazer a separação/individuação, pois, nesse momento, luta para reter o objeto primário e vive uma



permanente sensação de perda. Há uma confusão do eu primário com o objeto, que leva o eu a uma depreciação narcisista (Green, 1988).

Quando o bebê é confrontado com uma experiência mortífera, como no caso do *complexo da mãe morta*, a moldura revela-se incapaz de criar representações substitutivas, segurando apenas um vácuo, um vazio. Isto significa a não existência do objeto ou de qualquer objeto substituto. A alucinação negativa do objeto não pode ser superada: o negativo não leva a uma alternativa positiva de substituição (Green, 2012).

Assim, marcado pelo desinvestimento e pela ferida narcísica que se manifesta por uma imagem esburacada de si mesmo, o sujeito do *complexo da mãe morta* identifica-se e se submete com o desinvestimento do objeto primário.

### **3.6 O trabalho do negativo, a perda do objeto, e a mãe morta**

Como vimos, o trabalho do negativo pressupõe o apagamento do objeto primário. Quando isso não ocorre, impede a vivência do luto fundamental no processo de indiferenciação-separação eu/não eu (Green, 1993). Geralmente, o apagamento e a introjeção do objeto constituem a dinâmica dos processos de identificação psíquica e precisam do trabalho de luto para que possam suportar a perda do objeto. As experiências traumáticas no âmbito das relações primárias nos processos de constituição narcísico-identitários, como no caso do *complexo da mãe morta* e da melancolia – ambas com a ação do fracasso do trabalho do negativo –, implicam um luto impossível do objeto (Damous, 2010).

Assim, com a impossibilidade de elaboração da perda do objeto primário no *complexo da mãe morta*, não há viabilidade de instauração da ausência e da simbolização.

A representação do objeto possibilita ao psiquismo uma promessa de retorno do objeto ausente permanecendo como um consolo frente à dura realidade da separação. Nesse sentido, a perda do objeto seguido de um trabalho de elaboração do luto é crucial para estruturar a sua representação no psiquismo. “A simbolização, isto é, com a ausência, o objeto pode ser finalmente perdido, pois já se encontra presente onde mais importa que esteja: no campo das representações” (Damous, 2011, p. 193). Esse processo de autotransformação ameniza a perda. Em *Luto e Melancolia*, Freud (1917) se refere ao luto, onde é possível a separação do objeto perdido por meio da mudança do eu pela introjeção de “traços do objeto perdido na separação, levando o sujeito a tornar-se um pouco como o que perdeu, assegurando a presença do objeto internamente” (Damous, 2011, p. 188). Já na melancolia, o objeto é introjetado não com partes ou traços dele, mas como sua sombra, o que não permite a autotransformação. Dessa forma, frente à separação do objeto, a capacidade de realizar o luto ou o contrário, coloca o sujeito diante do luto no primeiro caso e da melancolia no segundo.

### **Considerações finais**

Trilhando os textos freudiano que fazem referência à melancolia, foi possível assinalar as principais características envolvidas no seu desenvolvimento teórico bem como os avanços e as transformações na teoria psicanalítica em torno do conceito da melancolia a partir de 1895.

Vimos que as principais produções teóricas de Freud acerca da melancolia encontram-se inicialmente nas cartas que envia a Fliess, nos *Rascunhos*. Nessas cartas, especialmente no *Rascunho G*, já relaciona a melancolia ao luto dizendo que o afeto correspondente à melancolia é o luto. A melancolia também trata de uma perda, mas uma perda pulsional. Vale observar que nessa época Freud ainda não contava com a noção de objeto, concepção que só vai aparecer em sua obra quase 20 anos depois. Na ocasião, faz a analogia com o luto e com a “ferida aberta”. Nesse texto, relaciona o luto à melancolia com a perda da libido – evidenciando a questão da perda, o que, posteriormente, trabalhará em seu artigo *Luto e Melancolia* (1917).

Demonstramos que a concepção sobre o luto aparece no texto *Sobre a transitoriedade*, em que Freud (1915) expõe suas ideias acerca da morte e do luto, questionando o valor e a fluidez das coisas. Apropriamo-nos de algumas construções sobre o trabalho de luto e observamos que diante da grande dificuldade em abandonar uma posição libidinal, é necessário um tempo considerável para que o *trabalho de luto* seja realizado. Por isso, vimos que no luto há um trabalho psíquico a ser empreendido por meio do teste de realidade. Ao ser confrontado com a realidade, o sujeito se opõe

negando-a e se apega ao objeto por meio de uma transitória psicose alucinatória, ou seja, mantém o objeto vivo e presente em seu psiquismo sob a forma de alucinação. Contudo, no final deste processo, a realidade se impõe e o sujeito é obrigado a reconhecer a perda. O luto é um mecanismo saudável e superável com o tempo, não demandando qualquer intervenção. Toda a libido que era endereçada ao objeto é retirada e investida pouco a pouco em outro objeto – o que normalmente exige um tempo para ser trabalhado. Assim, a fim de lidar com a situação traumatizante da perda no luto, é necessário um trabalho de elaboração do aparelho psíquico. As pontuações acerca da melancolia em Freud nos mostraram que os traços característicos da melancolia são também encontrados no luto à exceção de um só: a perda relativa ao melancólico diz respeito ao seu eu e no luto diz respeito ao objeto. Isto significa que na melancolia, ao perder o objeto, o eu fica dividido, de um lado por uma “instância crítica” que, como vimos posteriormente, dará origem ao conceito de supereu, contra outra parte que, modificada pela identificação, é habitada pela sombra do objeto que caiu sobre o eu. Isto é, não conseguindo realizar o trabalho de luto após a perda do objeto e desfazendo-se de todos os investimentos, a libido absorve para si o objeto por meio da identificação instalando um conflito com o objeto amado que agora está dentro do eu. Dessa forma, podemos entender as autoacusações e queixas constantes do melancólico. O objeto exilado na identificação narcísica fica à mercê do ódio pertencente à ambivalência que por meio do sadismo tortura o objeto amado então tornado a melancolia destrutiva pela ação do supereu como agente da pulsão de morte.

Já no capítulo segundo, partimos para a compreensão do arranjo narcísico que permite a Freud esclarecer muitos enigmas da melancolia. A perda do objeto nos levou a uma articulação entre narcisismo e melancolia. No texto do narcisismo, a megalomania nas psicoses é a ampliação do narcisismo primário na tendência do eu de buscar seu retorno. O eu deseja sentir-se engrandecido, onipotente, como se sentiu em etapas iniciais. Ao longo da tessitura deste trabalho, fizemos o reconhecimento do objeto da pulsão que no caso da melancolia é um objeto de amor, podendo tratar-se de uma pessoa ou um ideal. O que existe de fundamental em *Luto e Melancolia* (1917) é a noção de eu como resultado de um trabalho de perda do objeto. O eu constituído como resultado da divisão, se transformando primeiro em objeto de si mesmo pela libido. Contudo, para que aconteça a separação, não é suficiente que o objeto desapareça; é necessário um trabalho de luto com considerável dor, sofrimento, para que então o eu se desligue do objeto e dessa forma se transforme (Rivera, 2012) – o que não acontece na melancolia.

A identificação possibilita ao eu manter o objeto perdido junto a ele tornando-o parte de si. Vimos que em *Luto e Melancolia* Freud (1917) postula que na melancolia o eu se apresenta como uma ferida aberta, atraindo para si todos os investimentos e esvaziando-se até ficar totalmente empobrecido, levando-o a concluir que a perda do eu representa um golpe puramente narcísico. A escolha do melancólico é uma escolha narcísica de objeto com um vínculo também narcísico que tem como meta um ideal inatingível. A perda do ideal na melancolia se refere a uma perda do próprio eu. O ideal perdido é também uma perda de parte do eu. Por este motivo, ao

se deparar com a perda, o eu viverá como uma ameaça de ser destruído. O estabelecimento de um ideal se articula com o sentimento de autoestima. Freud relaciona a autoestima com o sentimento de onipotência do narcisismo primário. Nas psicoses, há um incremento de autoestima e uma diminuição da libido dos objetos. Quando os investimentos libidinais são retirados do eu na perda do objeto, este se sente empobrecido. O modo que o eu tem de se restabelecer deste empobrecimento é retornando esse investimento a ele próprio.

O objeto perdido é um objeto idealizado, perfeito, sem falhas não sendo reconhecido como um objeto real, estabelecendo assim uma relação de base narcísica. A idealização se refere à exaltação e ao engrandecimento do eu sendo, dessa forma, uma das condições da vinculação narcísica na melancolia. Na melancolia, quanto mais idealizado e engrandecido é o objeto mais empobrecido e inferiorizado se torna o eu sentindo que não é possível viver sem ele, objeto. Com a intenção de alcançar a perfeição narcísica perdida e considerando-se incapaz sem poder contar com seu próprio ideal, o sujeito coloca o objeto perdido no lugar de *ideal do eu* idealizado.

Nessa relação, a dependência que o sujeito estabelece do objeto se torna essencial para ele, que se sente incapaz de viver sem o objeto. O sujeito sente-se incapaz de contar com seus recursos internos e, procurando suprir sua incapacidade, coloca o objeto no lugar de seu *ideal do eu*. Freud (1921) faz uma distinção entre esse estado de enamoramento, idealização ou servidão e o processo de identificação.

Em *O Ego e o Id* (1923a) e *Neurose e Psicose* (1924), encontramos como definições para a melancolia: os ataques do supereu investido de pulsão de morte que têm como objetivo a destruição do eu e, finalmente, uma neurose narcísica marcada pelo conflito entre o eu e o supereu. A introdução do conceito de supereu (1923a) traz elementos novos para pensar a melancolia. O eu, de posse do objeto perdido por meio da identificação e sendo ele mesmo o objeto, transforma-se em alvo do supereu. A partir disso há uma retirada da pulsão sexual, não existindo mais nenhuma relação objetal e ficando o eu fechado em si mesmo tornando a melancolia prisioneira da pulsão de morte, destituindo o sujeito de laços com os objetos e com a vida. O objeto que foi incluído no eu agora é alvo da ira do supereu. O supereu imputa ao eu a culpa pela perda do objeto. A autoacusação se transforma em ataques a si mesmo evidenciando a força da pulsão de morte. Confirmamos então as considerações de Freud que uma forte violência e destrutividade se hospedaram no supereu por meio da pulsão de morte.

Apoiadas nas ideias de Green (1988) sobre o narcisismo moral e a pulsão de morte, podemos dizer que de modo semelhante ao melancólico o narcisista moral sente-se endividado com o ideal do eu e apresenta a idealização, o sofrimento, a forte resistência à dor e um enorme submetimento aos ideais. Outra característica comum é a rejeição e a recusa da realidade como defesa predominante. Há também uma renúncia pulsional e tanto o sujeito melancólico quanto o narcisista moral vive uma constante tensão, desejando ser amado por um supereu e um ideal do eu tirânico e exigente.

No terceiro capítulo trabalhamos o conceito da *mãe morta*, cunhado por Green. Buscamos encontrar pontos fundamentais de articulação deste conceito da *mãe morta* e a concepção de melancolia em Freud. Relacionamos o *complexo da mãe morta* com o trabalho do negativo, também de Green, para podermos demonstrar que o fracasso do trabalho do negativo torna o luto inelaborável da mesma maneira que o fracasso da elaboração do luto na melancolia.

Neste sentido, o *complexo da mãe morta* propõe demonstrar as consequências futuras inerentes no sujeito enquanto criança que se relacionou precocemente com uma mãe afetivamente morta. Esta mãe, de acordo com a teoria de Green, trata-se de uma metáfora, não mencionando a perda do objeto de amor, mas a perda do objeto de amor idealizado; isto é, as fantasias de uma mãe perfeita. Esta mãe, anteriormente uma mãe presente, faz uma ruptura da relação com a criança de forma abrupta, fica totalmente centrada em si mesma e no seu processo de luto, que leva a criança a senti-la como uma mãe ausente e morta, desinvestida libidinalmente, o que provavelmente comprometerá a sua vida no futuro.

Green aborda no seu texto que a perda do objeto no *complexo da mãe morta* provoca uma ferida narcísica tal qual na melancolia. A criança sente impotente e frente à ameaça de perda da mãe coloca e em ação defesas psíquicas.

A primeira delas é um desinvestimento materno: a criança “mata” psicicamente o objeto e deixa de investir afetivamente nele. Este desinvestimento afetivo tem como consequência o surgimento de um furo no psiquismo, o que nos faz relacionar com a melancolia, que em seus



primórdios foi descrita por Freud como um furo no psiquismo. Esse furo representa a falta, a ausência, um buraco onde deveriam estar as marcas positivas do investimento materno, significando uma perda do núcleo do narcisismo primário.

Depois de desinvestir, a criança vai se identificar com o objeto por meio da identificação primária tal qual faz o melancólico via identificação e, posteriormente, regressão narcísica ao período que era o eu ideal da mãe. Nessa identificação, a criança introjeta a *mãe morta* psiquicamente tornando-se o mesmo que sua mãe – como na melancolia, onde o sujeito, sob a sombra do objeto, vive também como um objeto inanimado. Há uma predominância de pulsão de morte sem componentes eróticos.

Tendo em vista que a questão do melancólico gira em torno de sua impossibilidade de realizar o luto do objeto perdido através da recusa da perda do mesmo, e que no *complexo da mãe morta* existe a mesma impossibilidade pela via do fracasso do trabalho do negativo, inserimos o luto como condição saudável de elaboração psíquica comparado com a melancolia e o trabalho do negativo, também com esse referencial positivo de condição de enquadramento saudável.

O trabalho do negativo organiza os limites psíquicos assim como o pensar e as relações psíquicas. Contudo, em função de situações traumáticas como o vivenciado pelo *complexo da mãe morta*, o trabalho do negativo não é bem sucedido. O fracasso desse trabalho resulta em não conseguir realizar o apagamento do objeto primário, prevalecendo na psique a função desobjetalizante, meta da pulsão de morte, e um narcisismo ferido. O não apagamento do objeto primário por meio do trabalho do negativo

impede a realização do luto, fundamental no processo de separação eu/não eu (Green, 1980). Vimos que o trabalho de luto envolve processos identificatórios com o objeto perdido, que, ao estruturar a representação desse objeto, permite uma transformação no eu e a elaboração da perda. O luto elabora então, por meio de identificações com o objeto, a relação com o objeto ausente. Dessa forma, sem cortar os laços com ele reinveste em outros objetos de identificação.

Quando é possível a realização do trabalho do negativo, “o objeto primário torna-se estrutura enquadrante do Eu [...] [que] funciona como um continente, uma moldura, um limite. Desempenha dessa forma o papel de uma matriz primordial dos investimentos futuros” (Green, 1988, p. 265).

Contudo, o objeto primário, no caso da *mãe morta*, não foi sequer representado e nem constituído como objeto de realidade psíquica. Em função do desinvestimento da mãe e aprisionados a ela sem ter a possibilidade de um luto, o que fica é a imagem do desinvestimento da experiência identificatória. A identificação será com o vazio deixado pelo desinvestimento da *mãe morta*. Essa identificação acontece de acordo com um modo primitivo, ou seja, trata-se de identificação em espelho, uma espécie de mimetismo segundo o qual o sujeito se torna o próprio objeto. A identificação é com a ausência, a perda de investimento da mãe. No *complexo da mãe morta*, o objeto não é perdido nem apagado, dessa forma, tornando o luto inelaborável.

Quando a criança vive a perda do objeto, no caso a perda de amor e investimento da *mãe morta*, tal qual o melancólico os sentimentos

ambivalentes também se fazem presentes. A criança revive a ambivalência já existente anteriormente.

A dor da perda do objeto, nesse caso a mãe, representa a dor de uma ferida narcísica, de uma perda do eu. A perda do objeto tem papel importante na estruturação do psiquismo. Sendo o eu tecido nas relações que ele mantém com o outro e este outro considerado pelo eu como portador de vida, perdê-lo pode também significar a perda da vida ou o sentido da existência. Frente à perda do objeto, o eu vai buscar mantê-lo a qualquer custo introjetando-o e incorporando o objeto, para isso, no entanto, abrindo mão do princípio de realidade.

Com a perda do objeto, é possível ao eu reconhecer os objetos como externos a ele. É a partir do reconhecimento da falta ou perda que o objeto será reconhecido como externo e diferente do eu. Dessa forma, a perda normalmente marca é a emergência do desejo – ir em busca de outros objetos para investir. Isso significa que com o abalo do narcisismo a dor e a angústia podem fazer com que o eu busque no externo um ideal. Assim, com o reconhecimento das diferenças é que os ideais do eu serão construídos e sairão em busca de desejo e de vida. No entanto, na melancolia e no *complexo da mãe morta*, as coisas não se dão dessa maneira. No sujeito melancólico e no *complexo da mãe morta* encontramos a vivência de um violento desaparecimento que conduz a uma pulsão de morte.

No caso do *complexo da mãe morta*, esse desaparecimento irá marcar a ausência de um olhar materno desejante. Então, a perda vai significar abandono que deixará o eu submetido a um excesso pulsional e

que provocará dor. Se com a perda do objeto não acontecer laços com outros objetos substitutivos, o eu se fechará em seu narcisismo e passará a investir somente em si mesmo tal qual o melancólico identificado com a sombra do objeto. Assim, podemos afirmar que tanto a melancolia quanto o *complexo da mãe morta* consistem em um luto impossível do objeto visto que há uma forte resistência à perda deste objeto.

No entanto, no presente trabalho, nos faltam elementos clínicos para tecermos considerações relativas à análise de melancólicos e dos sujeitos impactados com o *complexo da mãe morta*. Com relação a isso, fazemos nossas as palavras de Cardoso (2000), para quem a “pesquisa sobre questões metapsicológicas e psicopatológicas impõe esforço constante para que se chegue a formulações precisas. Isso obriga-nos a reexaminar nossas ideias permanentemente” (p. 39).

Para finalizar, registramos que o nosso trabalho de pesquisa teve como foco a análise de conceitos de Freud e de Green acerca da perda, do narcisismo e do luto na melancolia e, diante de todos os estudos que fizemos durante sua realização, deixou a certeza de que há ainda um longo caminho a ser percorrido. Esperamos, contudo, que esta dissertação possa nortear outros estudos e horizontes a respeito da melancolia e da clínica psicanalítica e que leve a questionamentos e tentativas de respostas a eles cada vez mais enriquecedoras.

## Referências bibliográficas

Berlinck, L. (2008). *Melancolia: rastros de dor e perda*. São Paulo: Humanitas/AAT.

Bollas, C. (2012). Dead mother, dead child In Gregorio Kohon *The dead mother: the work of André Green*. pp 89-108. London: The New library of psychoanalysis.

Cardoso, M. (2000). O superego: em busca de uma nova abordagem. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, III(2) 26-41. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233018266003>

Carone, M. (2011). *Luto e melancolia*. Sigmund Freud; São Paulo: Cosac Naify.

Carvalho, A.C. (2000). Depressão: doença do corpo e da alma. *Psychê*, *Revista Psicanálise*, v.22, pp.39-50 São Paulo.

Damous, I. (2010). *O complexo da mãe morta: sobre os transtornos do amor na relação mãe-bebê*. Mesa Redonda: Do amor conjugal ao amor parental: reflexões sobre o sofrimento psíquico. IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, X Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, setembro 2010, Curitiba, Paraná.

Damous, I. (2011). *A lógica do desespero nos casos-limite: uma faceta da depressão na contemporaneidade* (Tese de doutorado) USP, São Paulo.

Figueiredo, L. C. & Cintra, E. (2004). Lendo André Green: o trabalho do negativo e o paciente limite. Em: Marta Rezende Cardoso. *Limites*. São Paulo: Escuta.

Figueiredo, L. C. (2007). André Green: o discurso vivo. Em Manoel Costa Pinto. *O livro de ouro da psicanálise*. Rio de Janeiro: Ediouro.

- Freud, S. (1893). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho B. A etiologia das neuroses. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1894). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho E. Como se origina a angústia? Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1894). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho F. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1895). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho G. Melancolia. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1897). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho N. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1913). Totem e Tabu. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIII) Rio de Janeiro: Imago, 1972.

- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol.XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1915). Sobre a transitoriedade. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1917). Luto e melancolia. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1921). Psicologia de Grupo e análise do ego. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S.(1923 a). O ego e o id. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S.(1923b) Uma neurose demoníaca do século XVII. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1924). Neurose e psicose. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1925). A negativa. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1972.

- Freud, S. (1927). O humor. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1930). O mal estar na civilização. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1932). Novas conferências introdutórias. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Garcia, C. A. (2007). Os estados limites e o trabalho do negativo: uma contribuição de A. Green para a clínica contemporânea. Em: *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. v. 7, n.1, pp.123-135 Fortaleza
- Green, A. (1988). A mãe morta. Em: Green, A. *Narcisismo de vida narcisismo de morte*. pp. 239-273. São Paulo: Escuta.
- Green, A. (1993). El trabajo de lo negativo (1986). Em: Green, A. *El trabajo de lo negativo*. pp.371-378 Buenos Aires: Amorrortu,
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea* São Paulo: SBPSP; Rio de Janeiro: Imago
- Green, A. (2012). The intuition of the negative in Playing and Reality in Gregorio Kohon, *The dead mother: the work of André Green* pp. 207-223 The new library of psychoanalysis New Fetter Lane, London.
- Jorge, M. A.C. (2003). A pulsão de morte, Em: *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n.26, pp. 23-39, out.2003. Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- Jorge, M. A.C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan vol.2: A clínica da fantasia*, Rio de Janeiro: Zahar.



- Kehl, M. R. (2011). Melancolia e criação Em Carone, M. *Luto e melancolia*. Resenha de Freud, Sigmund; pp 8-35 São Paulo: Cosac Naify.
- Kishida, C.A. et al (Orgs.). (1998) *Cultura da ilusão*. Textos apresentados no IV Fórum Brasileiro de Psicanálise. pp.119-129.Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Kohon, G. (2012). *The dead mother: the work of André Green*. The new library of psychoanalysis New Fetter Lane, London.
- Lambotte, M. C. (1997). *O discurso melancólico - da fenomenologia à metapsicologia*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lambotte, M. C. (2000). *M. Estética da melancolia*. Rio Janeiro: Companhia de Freud.
- Lambotte, M. C. (2003). A face melancólica do masoquismo. In: Pinheiro, T. (Org.). *Psicanálise e formas de subjetivação contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Laplanche, J. (1987). *A angústia (Problemáticas I)*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1992). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Marucco, N. C. (1987). *La Melancolia: El caso de una pasión-retrotienpo, por lós rastros de Cain Y Abel*, In Revista Brasileira de Psicanálise. V. 21, pp1- 7.
- Moreira, A.C. (2002). *Clínica da melancolia*- São Paulo: Escuta.
- Modell, A. (2012). H. The dead mother syndrome and the reconstruction of trauma In Gregorio Kohon, *The dead mother: the work of André Green*. Pp. 77-88 London: The new library of psychoanalysis New Fetter Lane.

- Ogdem, H. (2004). *Uma nova leitura das origens da teoria das relações objetais*. In livro *Anual de Psicanálise XVIII*, pp 85-98.
- Peres, U. T. (2010). *Depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Peres, U. T.(2011). Uma ferida a sangrar-lhe a alma pp100-137 Em Carone, M. *Luto e melancolia*. Resenha de Freud, Sigmund; São Paulo: Cosac Naify.
- Pinheiro, M, T, da S (1998). O estatuto do objeto na melancolia. Em: Kishida, Clara Akiko. et al (Orgs.). *Cultura da ilusão*. Textos apresentados no IV Fórum Brasileiro de Psicanálise. pp.119-129, Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Pontalis, J-B (2005). *Entre o sonho e a dor*, São Paulo: Idéias & Letras.
- Rivera, T. (2012). Luto e melancolia, de Freud, Sigmund. *Novos Estudos - Cebrap*, pp.231-237. Retrieved May 12, 2014, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002012000300016&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002012000300016&lng=en&tlng=pt). 10.1590/S0101-33002012000300016.
- Strachey, J. (1966). Notas do editor inglês sobre os extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Em: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. (Vol. I). Rio de Janeiros: Imago, 1996.
- Winnicott, D. W. (1978). Desenvolvimento emocional primitivo. Em: Winnicott D. W. (Org.) *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (2ª ed. pp. 269-285). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1945).